

# A colheita da Fazenda Escola Fundamar

Uma experiência premiada de Educação  
Infantil no campo





# A colheita da Fazenda Escola Fundamar

Uma experiência premiada de Educação  
Infantil no campo



**Prêmio Criança 2002**



#### DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-presidente: Rubens Naves

Diretor-tesoureiro: Synésio Batista da Costa

#### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Ismar Lissner

Secretário: Sérgio E. Mindlin

Membros efetivos: Aloisio Wolff, Carlos Antonio Tilkian, Carlos Rocha Ribeiro da Silva, Daniel Trevisan, Emerson Kapaz, Éricka Quesada Passos, Guilherme Peirão Leal, Gustavo Marin, Hans Becker, Isa Maria Guará, José Berenguer, José Eduardo P. Pañella, Lourival Kicula, Márcio Ponzini, Oded Grajew e Therezinha Fram.

Membros suplentes: Edison Ferreira, José Luis Juan Molina e José Roberto Nicolau

#### CONSELHO FISCAL

Membros efetivos: Audir Queixa Giovani, José Francisco Gresenberg Neto e Mauro Antônio Ré.

Membros suplentes: Alfredo Sette, Rubem Paulo Kipper e Vitor Aruk Garcia

#### CONSELHO CONSULTIVO

Presidente: Therezinha Fram

Vice-presidente: Isa Maria Guará

Membros efetivos: Aldaiza Sposati, Aloisio Mercadante Oliva, Âmar de Barros, Antônio Carlos Gomes da Costa, Araceli Martins Elman, Benedito Rodrigues dos Santos, Dalmo de Abreu Dallari, Edda Bomtempo, Helena M. Oliveira Yazbeck, Hélio Pereira Bicudo, Ilo Krugli, João Benedicto de Azevedo Marques, Joelmir Betting, Jorge Broide, Lélío Bentes Corrêa, Lídia Izecson de Carvalho, Magnólia Gripp Bastos, Mara Cardeal, Marcelo Pedrosa Goulart, Maria Cecília C. Aranha Lima, Maria Cecília Ziliotto, Maria Cristina de Barros Carvalho, Maria Cristina S. M. Capobianco, Maria Ignês Bierrenbach, Maria Machado Malta Campos, Marlova Jovchelovitch Noletto, Marta Silva Campos, Melanie Farkas, Munir Cury, Newton A. Paciulli Bryan, Norma Jorge Kyriakos, Oris de Oliveira, Pedro Dallari, Rachel Gevertz, Ronald Kapaz, Rosa Lúcia Moysés, Ruth Rocha, Sandra Juliana Sinicc, Sílvia Gomara Daffre, Tatiana Belinky, Valdemar de Oliveira Neto e Vital Didonet

#### SECRETARIA EXECUTIVA

Gerente Executiva Operacional: Ely Harasawa

Gerente Executivo de Relacionamento: Luis Vieira Rocha

Área Administrativo-Financeira: Victor Alcântara da Graça

Área de Comunicação: Renata Cook

Área de Informação: Walter Meyer Karl

Área de Mobilização e Políticas Públicas: Itamar Baptista Gonçalves

Área de Mobilização de Recursos: Luis Vieira Rocha

Área de Planejamento e Avaliação: Ely Harasawa

#### PROGRAMA PRÊMIO CRIANÇA

Coordenadora: Leila Midlej

Equipe: Maria do Carmo Krehan e Nelma dos Santos Silva

"A colheita da Fazenda Escola Fundamar: uma experiência premiada de Educação Infantil no campo"

São Paulo, fevereiro de 2004

ISBN: 85-88060-2-4

Esta publicação é resultado do processo de sistematização e disseminação da experiência desenvolvida na Escola Estadual Fundamar, vencedora do Prêmio Criança 2002 da Fundação Abrinq na categoria Educação Infantil.

Texto: Maria Lúcia Gulassa

Preparação de texto: Immaculada Lopez

Revisão: Maysa Monção

Fotografias: Luis Dantas

Edição: Ricardo Prado (Área de Comunicação da Fundação Abrinq)

Projeto gráfico e capa: Sílvia Ribeiro

Editoração eletrônica: Estúdio Sílvia Ribeiro

Assistente de design: Nicole Boehringer

Produção gráfica: Finalle

Impressão e fotolito: Laser Press

#### Equipes da Escola Estadual Fundamar participantes das oficinas para a realização da sistematização

Fundação 18 de Março

Presidente: Stanley Martins Frasão

Instituidores: Teresinha Prado Costa e Tulio Vieira da Costa

Conselho Comunitário da Fazenda-Escola Fundamar

Mônica Carvalho de Freitas, Valentin Calenzani, Hebe Perez de Carvalho,

Olivina Vieira Carneiro, Orlando Antônio Pereira, Cristina Novack Pereira,

Jarbas Franco Caixeta, Wagner Pereira, Maria Angélica Andrade, Lucas Rocha,

Creusa Prado Ornellas, Maria Lúcia Prado Costa, Altaide Xavier Junqueira,

Jivanildo de Paula Gonçalves, Maria Goreti Junqueira, Bernadete Selicani Tavares,

Cibele Ercília Pinto Costa

Coordenação

Altaide Xavier Junqueira, Cibele Ercília Pinto Costa, Creusa Prado Ornellas, Jivanildo de Paula Gonçalves e Maria Lúcia Prado Costa

Educação Infantil

Ana Lucia Rocha, Janete de Souza Rocha, Lourdes de Brito Souza, Maria da Gloria

França Prado, Mariangela Rodrigues Vigato, Nilcinéia dos Reis Adonis, Patricia

Marques da Silva, Rosilene Santo Azarias, Rosilene Ferreira Labecca Sacksida e

Silvana Cássia de Carvalho Azevedo

Oficinas

Célia Gonçalves Pereira, Ivoneti Garotti Prado, Maria das Dores Araújo Brito, Renata

Reis Pereira, Rosália Sueli Pereira de Carvalho

Grupo de mães

Angela Cristina Fonseca Barbudo, Nilcinéia dos Reis Adonis, Rosa Izabel Feliciano,

Rita de Cássia Ferreira Bento, Sineide Maria Moreira

Leitura crítica

Claudia Couto Rosa, Elenira Haddad, Marcia Regina Andrade

#### PARCERIA E APOIO



O processo seletivo e o evento de premiação do Prêmio Criança 2002 contaram com a parceria de:

**Grupo Santander-Banespa**

**Abecitrus**

**Faber Castell**

Apoio de:

**Gol Linhas Aéreas Inteligentes**

**SESC São Paulo**

**Instituto Telemig**

**T**odo dia, cerca de 2,3 milhões de estudantes que vivem no campo são transportados para as cidades rumo às suas escolas. Apenas 33%, segundo o Censo Escolar 2002, estudam em escolas localizadas na zona rural. Muitas dessas escolas estão mal aparelhadas – aproximadamente 44 mil delas nem sequer possuem energia elétrica – e o desempenho de seus alunos tem se revelado inferior aos que estudam na zona urbana, segundo as últimas avaliações feitas pelo Ministério da Educação. O fato de o Brasil ser um país imenso, com 22% de sua população infanto-juvenil vivendo no campo, torna ainda mais necessária a oferta de ensino público de qualidade além dos limites das cidades, principalmente na Educação Infantil, pois 67% das crianças brasileiras entre zero e seis anos se encontram fora da escola. No campo, a pouca oferta piora esse quadro de exclusão. Temos, portanto, um problema a enfrentar.

A Fazenda Escola Fundamar ganhou o Prêmio Criança 2002 da Fundação Abrinq, na categoria Educação Infantil, por apresentar uma proposta que enfrenta simultaneamente dois dos maiores desafios da educação no campo: qualidade e garantia de transporte para a população atendida.

Criada pelos proprietários da Fazenda Santa Rita, no sul de Minas Gerais, com apoio dos municípios de Machado e Paraguaçu e da Secretaria de Estado da Educação, a Fundamar construiu, ao longo de duas décadas de existência, uma respeitável consistência pedagógica. O papel destacado da memória, a valorização da vida comunitária e dos saberes próprios daqueles que vivem na região, a participação ativa dos pais na aprendizagem de seus filhos, a oferta de período integral com cinco refeições diárias e oficinas de arte, o incentivo à criação do material didático pelos próprios alunos e uma organização curricular contextualizada fazem dessa experiência um estudo de caso a ser analisado, debatido e aplicado. Sempre com as necessárias adaptações a cada contexto, como recomendam as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, editadas pelo Ministério da Educação: “a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade”. Ou seja, a cada campo, uma escola que faça sentido a quem nele vive.

Nossa intenção ao publicarmos esta experiência é que mil outras escolas como a Fundamar proliferem pelo país, como boas plantações. E que dêem seus frutos na forma de cidadãos conscientes e orgulhosos de serem o que são: homens que vivem no campo e dele extraem sustento e orgulho.

Boa leitura.



Rubens Naves  
Diretor-presidente da Fundação Abrinq  
pelos Direitos da Criança e do Adolescente



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>A PROPOSTA DE TRABALHO</b> .....	11
<b>A ESCOLA NO TEMPO</b> .....	15
<b>A ESCOLA NO ESPAÇO</b> .....	19
<b>O UNIVERSO RURAL</b> .....	23
<b>A PROPOSTA PEDAGÓGICA</b> .....	31
1. Etapas de uma proposta pedagógica .....	31
2. Bases conceituais que fundamentam a proposta .....	32
3. A metodologia investigativa .....	34
4. O tesouro da memória .....	36
5. Construindo a memória local .....	37
6. A produção de conhecimento .....	41
7. A relação com a família .....	46
8. Rede de apoio .....	47
<b>A EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	51
1. Proposta pedagógica .....	53
2. Valores do cotidiano .....	55
3. Novos desafios .....	57
<b>FUTURO DA CRIANÇA NO CAMPO</b> .....	59
<b>CONCLUSÃO</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	66



“É notável a mudança nas crianças. Muitas chegam desnutridas, pouco sociáveis, arredias. Algumas têm até o olhar triste. Mas, passados alguns dias, elas começam a brincar, correr, pular.. ficam amigas umas das outras. Enfim, se tornam crianças felizes. Com isso, ganhamos todos. A criança, um ambiente saudável para seu desenvolvimento. A família, tranquilidade e tempo para trabalhar. E nós, educadores, a gratificação de poder contribuir de alguma forma para o desenvolvimento dessas crianças.”

Janete de Souza Rocha, professora de Educação Infantil da Escola Estadual Fundamar

# INTRODUÇÃO

Criada pela Fundação 18 de Março, em 1984, a Escola Estadual Fundamar atua no município rural de Paraguaçu, em convênio com a Secretaria de Educação de Minas Gerais. Desde o início, a escola se ergueu olhando nos olhos da população local, reconhecendo-a como protagonista de uma história rural com tempo, espaço e enredo próprios – muitas vezes desprezados pelos modelos urbanos. Ano a ano, construiu uma proposta pedagógica inovadora, baseada na investigação e construção da memória, da identidade e do conhecimento. Dentro e fora da sala de aula, a criança encontra a oportunidade de viver uma infância plena, com tempo e espaço para brincar, fazer amigos, explorar o mundo físico e imaginário e buscar diferentes formas de expressão.

Para que o projeto pedagógico se concretize de fato, há um investimento contínuo na formação de seus profissionais, adaptação do espaço físico e elaboração de material escolar adequado ao contexto. Desde cedo, a Fundamar também compreendeu a importância de promover a proteção integral da criança, envolvendo a família, a comunidade e o poder público na garantia dos direitos básicos da infância, como transporte, alimentação e saúde.

No decorrer de 2003, essa prática pedagógica tornou-se matéria-prima de um cuidadoso processo de sistematização, que resultou nesta publicação. A Escola Estadual Fundamar participou, assim, de um novo desafio assumido pela Fundação Abrinq a partir do Prêmio Criança 2002: sistematizar as experiências vencedoras para que sejam disseminadas pelo país ou, ainda, inspirem mudanças nas políticas públicas.

A pedagoga com especialização em psicologia social Maria Lúcia Gulassa visitou o local, observou espaços e rotinas, consultou os registros existentes e realizou entrevistas individuais e coletivas com membros da equipe. Também foram organizados encontros com os educadores, monitores, supervisores, mães e assistentes sociais.

No processo de sistematização dessa experiência pedagógica, o grupo pôde refletir sobre suas práticas, definir conceitos e organizar saberes a fim de melhorar, potencializar, compartilhar e disponibilizar a experiência para que outros possam aprender com ela. A partir de temas como “Quem é a população rural?”, “Qual é o futuro dessa população?”, “Qual é a importância da creche no campo?”, “Quem é o ser humano que queremos formar?”, o grupo teve a oportunidade de expressar seus pensamentos, confrontar idéias, aprofundar reflexões e produzir textos coletivos como registro desta trajetória.

Antes de focar especificamente o projeto de Educação Infantil da Escola Estadual Fundamar, é importante falarmos sobre a origem e o desenvolvimento da proposta pedagógica que norteia a iniciativa. Também merece atenção o contexto cultural e social das famílias atendidas. Ao ver, ouvir e sentir as crianças e os educadores, o impacto deste trabalho se revela e contagia. E esse contágio nada mais é que o primeiro passo para a esperada disseminação dessa experiência bem-sucedida de Educação Infantil no campo, uma etapa desafiadora e decisiva para o bom desenvolvimento da criança.



# A PROPOSTA DE TRABALHO

A Escola Estadual Fundamar é um projeto de educação instalado no município de Paraguaçu, que atende também crianças de Machado – ambas áreas cafeeiras do Sul de Minas Gerais. Criada em 1984, a escola convenciou-se, cinco anos depois, à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Hoje atende cerca de 500 crianças, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. São meninos e meninas moradoras da zona rural e periferia das duas cidades, com idades entre 18 meses e 16 anos.

Mesmo com defasagem idade-série, nenhuma criança que vive no campo e solicita matrícula é rejeitada pela escola. Afinal, a Fundamar nasceu justamente para garantir o acesso dessas crianças à educação. Muitas delas não estudavam porque não tinham como chegar até a cidade mais próxima. Também houve uma especial atenção no sentido de criar uma escola que atendesse e respeitasse a cultura do campo, sem reproduzir preconceitos ou currículos esvaziados de sentido para aquele grupo. Comumente, depois de uma empoeirada caminhada, a criança moradora do campo que chega à escola da cidade é rejeitada pelos colegas por ser diferente, “da roça”. Sem ter as mesmas bases culturais previstas no currículo, também não encontra seu lugar na rotina pedagógica. Acaba, então, sendo excluída da escola, levando consigo a sensação de que é incapaz ou de que não faz parte do grupo.

Atenta a essa realidade, a Fundamar se propôs a fazer um atendimento baseado na valorização e no fortalecimento da identidade da comunidade local. Construiu um projeto pedagógico próprio e tornou-se referência na região. Cuidados e protegidos, seus alunos têm a oportunidade de vivenciar um rico contexto de formação cultural e aprendizagem participativa e instigante.

A seguir, algumas características marcantes do projeto pedagógico da escola:

## Atendimento integral

Contrariando a mentalidade de que a população que vive no campo prefere seus filhos no trabalho a tê-los na escola, os alunos da Fundamar passam oito horas diárias na escola. Além da escolarização formal, são oferecidas oficinas culturais, como artesanato em fiação, tecelagem, bordado, tricô, cerâmica, cestaria em palha, horta, marcenaria, aulas de música, biblioteca, recreação, datilografia e informática. A escola também garante transporte para todas as crianças e professores, cinco refeições diárias e encaminhamento médico e odontológico.

## Ponto de encontro

Segundo a supervisora das oficinas e assistente social da Fundamar, Maria Lúcia Prado Costa, o maior atrativo da escola, para as crianças, não é o transporte ou a alimentação. “É o interesse em se encontrar”, afirma. A instituição tornou-se ponto de encontro, um verdadeiro pólo cultural no meio da roça.

### Convívio afetivo

Os professores dizem gostar muito de trabalhar na escola. Afirmam que é melhor do que trabalhar na cidade ou em qualquer outro lugar, com qualquer outra população. Mas não lhes parece fácil explicar o porquê. Ficam se perguntando o que há de tão especial. A primeira razão que surge é o jeito de ser dos alunos, “receptivos, carinhosos, gentis”. Todos valorizam e respeitam os professores. Desde bem pequenos, são cooperativos e companheiros entre si.

### Acolhimento e troca

Outro ingrediente importante do ambiente escolar citado pelos professores é a postura dos próprios adultos. Os mestres descrevem um clima de acolhimento, potencializando a oportunidade de troca e aprendizagem. Para os profissionais da educação, essa atitude contribui para que a escola seja realmente “construtivista”, pois permite que crianças e professores estejam mais livres para construir e reconstruir seus conhecimentos de forma significativa.

### Metodologia investigativa

A metodologia investigativa também se revela como característica marcante da escola. Continuamente, a equipe se propõe a conhecer as crianças, suas famílias, as características da população rural e as formas como constroem seu pensamento.

Prevalece a concepção de que o conhecimento não está pronto ou acabado, mas em constante movimento, sendo construído por todos – supervisores, professores e alunos. Produzindo textos, elaborando mapas, maquetes ou jogos, estudando as mudanças em si próprios e no contexto, todos produzem saberes. “Quem somos?” “De onde viemos?” “Quais são as nossas dificuldades?” “O que queremos?” “Como é nosso espaço?” São perguntas, entre tantas outras, constantemente investigadas, discutidas, respondidas e registradas pelas turmas.

### Tesouro da memória

Em busca de um sentido verdadeiro para a educação de crianças do meio rural, a Fundamar descobriu a necessidade e a riqueza de trabalhar com as noções de pertencimento, identidade, protagonismo e possibilidade de ser. Esses temas foram assumidos como principal metodologia do trabalho, por meio da inserção da criança no tempo e no espaço. A preservação da memória e da história é compreendida como um processo de construção de identidade e pertencimento sociocultural, intimamente ligado às características do espaço em que se vive.

### Produção de conhecimento

Todos os alunos e professores são envolvidos na produção permanente de conhecimento. Em vez de usar o material didático convencional, por exemplo, tornam-se autores dos *Cadernos de Estudos Sociais*, que já são referência nas escolas da região.

**“Gostaria que nossos meninos e meninas saíssem da escola com um sentimento de alegria pela vida, acreditando que o empenho em construir o mundo vale a pena. E mesmo quando as coisas se tornarem difíceis, as portas se fecharem, às vezes injustamente, que eles se apeguem ao sentimento de que têm sorte na vida: afinal tiveram uma escola que era a mais bacana do pedaço.”**

Maria Lúcia Prado Costa, assistente social e coordenadora das oficinas

Em paralelo, para permitir o livre acesso ao conhecimento acumulado, a escola criou uma biblioteca com variados títulos de Literatura, Arte e História. Além disso, mantém um banco de dados constantemente alimentado por todos os participantes da escola e da comunidade, para que escrevam, desenhem ou fotografem. Tal banco constitui-se, assim, em um acervo inédito e valioso sobre a vida e a cultura da região.



## ESCOLA RURAL OU DO CAMPO?

No debate atual sobre educação para a população rural, está implícita a necessidade de se reconstruir no imaginário coletivo uma nova visão do campo, pois ainda é dominante a concepção do campo como um lugar de atraso, prosaico, inferior à modernidade da cidade, sem futuro.

Nesse sentido, alguns teóricos da educação defendem o uso da expressão “campo” em substituição ao “rural”, com o sentido de concebê-lo como um espaço de vida e resistência, que contempla o *modus vivendi* do homem do campo, respeitando as diferenças e especificidades de cada povo que nele habita, um *ethos* engendrado nas relações interpessoais desse contexto. Nas palavras de Bernardo Mançano Fernandes, o conceito “campo” expressa um “espaço social com vida, identidade cultural própria e práticas compartilhadas por aqueles que a vivem”, enquanto o “rural associa-se ao espaço territorial, demarcador de área”.

O conceito de “campo” foi inicialmente introduzido pelos movimentos sociais do campo e vem sendo incorporado também por alguns órgãos governamentais envolvidos na discussão sobre as diretrizes para uma educação do campo. Com isso, mais do que mudança de terminologia, pretende-se reconhecer os valores e saberes próprios dessa população, que sempre viveu à margem de seus direitos. Como estratégia de inclusão social, a educação do campo também deve ser pensada articulada a um projeto de desenvolvimento sustentável para quem nele vive.

Marcia Regina Andrade, doutora em Ciências Sociais aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp



# A ESCOLA NO TEMPO

Atual coordenadora da Escola Fundamar, a fonoaudióloga Creusa Prado Ornellas faz parte da história da instituição desde quando ela era apenas uma idéia. “Tudo começou porque pessoas se encontraram e se arriscaram. De diferentes maneiras, não tiveram medo de ser pioneiras, generosas e solidárias”, lembra.

Proprietária de uma das fazendas da região, a Fazenda Santa Rita, Dona Creusa percebeu que as crianças do local e arredores não freqüentavam a escola da cidade por falta de transporte. Em um primeiro momento, junto com os demais proprietários da fazenda, decidiu providenciar a condução. Mas o grupo constatou que, mesmo assim, o índice de evasão escolar continuava alto. Começaram, então, a pensar na criação de uma escola que acolhesse melhor às especificidades da criança do campo.

Em 1978, o cunhado de Dona Creusa e sócio na fazenda, o advogado Túlio Vieira da Costa, havia criado a Fundação 18 de Março, com o objetivo de dar apoio jurídico à população local, que não tinha acesso à Justiça. Contagiado pela preocupação com a educação das crianças, ele concedeu autorização em comodato para que uma área das terras fosse utilizada no desenvolvimento de atividades educativas. Posteriormente, ocorreu a doação definitiva da área.

## Primeiros anos

O entusiasmo foi crescendo, e Dona Creusa começou a elaborar um projeto de educação no campo. Informada de que não poderia desenvolver uma escola sem autorização da delegacia de ensino, procurou a então delegada da Superintendência Regional de Ensino de Varginha, Lídia Foresti, que se interessou pelo projeto e autorizou a formação da escola, cedendo uma professora e uma funcionária de apoio, além de algumas mesas e cadeiras. Assim iniciou-se, em 1984, a Escola Estadual Fundamar, uma iniciativa da Fundação 18 de Março, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

Com a colaboração financeira de um vizinho, um antigo barracão da fazenda foi reformado para abrigar a primeira turma da escola. Era uma única sala para todas as séries. Um mês depois, 27 alunos já freqüentavam a sala pioneira.

No ano seguinte, formaram-se turmas até a 4ª série, e cada uma ganhou sua própria sala. Apenas as crianças entre quatro e seis anos continuaram num espaço conjunto. No segundo semestre, foram iniciadas as primeiras oficinas artísticas, incluindo retalho, fiação, cerâmica e horta. Com o apoio da Secretaria de Educação, artistas e artesãos da região foram contratados como monitores.

### Sonho coletivo

O sonho de construir uma escola diferente começou a atrair novos colaboradores. Creusa Ornellas conta com carinho do pesquisador austríaco Franz Leher: “Quando isso aqui ainda era um grande pasto, ele se sentou num toco de árvore, fechou os olhos e sonhou. Sonhou com um espaço cheio de meninos e meninas correndo. Imaginou as crianças casando e trazendo seus filhos. Hoje já temos os filhos e logo teremos os netos”. Especializado em agricultura orgânica, Franz Leher morou na fazenda, iniciando ali, aos 80 anos de idade, o projeto da horta orgânica e do cultivo de macadâmia – uma castanha natural da região Norte, de alto valor nutritivo.

As colaborações nesse período inicial foram as mais variadas possíveis, lembra Creusa: “Havia um motorista de caminhão, Sr. José Messias de Melo, que esperava até as 10 horas da noite para levar para casa os funcionários da fazenda depois do curso noturno de alfabetização de adultos. Percebendo o esforço de todos, ele se negava a cobrar, dizendo que também queria colaborar e dar um pouco de si”.

Entre tantos outros, Creusa também fala de sua sobrinha, a assistente social e historiadora Maria Lúcia Prado Costa, que começou a trabalhar na escola, quando foi inaugurada, em 1984. Em 1991 ela foi morar na fazenda e, no ano seguinte, assumiu a coordenação das oficinas. Em seguida, começou a desenvolver a metodologia dos *Cadernos de Estudos Sociais* – marco fundamental na pedagogia da escola.





## MARCOS DA ESCOLA FUNDAMAR

- 1968 Surgimento da Fazenda Santa Rita, no município de Paraguaçu (MG).
- 1978 Criação da Fundação 18 de Março.
- 1983 Garantia de transporte para as crianças da Fazenda Santa Rita freqüentarem a escola da cidade.  
Início das atividades educativas com as crianças em uma área reservada da Fazenda Santa Rita.
- 1984 Criação da Escola Estadual Fundamar, com turmas de Educação Infantil a 4ª série.
- 1985 Início da parceria com a Secretaria de Educação de Minas Gerais.  
Início das oficinas culturais na escola.
- 1989 Formalização do convênio com a Secretaria de Educação de Minas Gerais.
- 1993 Início das turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.  
Produção dos primeiros *Cadernos de Estudos Sociais*.
- 2003 Início da parceria com a Rádio Objetiva I, com divulgação de projetos e temas trabalhados na escola e informes da Pastoral da Criança em um quadro fixo no programa semanal "Objetiva Notícias".



# A ESCOLA NO ESPAÇO

A Escola Estadual Fundamar situa-se em uma ampla área verde, com casas, plantações, pastos, açudes, cerrados e matas preservadas. No total, são 80 hectares, originalmente pertencentes à Fazenda Santa Rita. A serenidade da arquitetura se soma à beleza das colinas, córregos e cerrados. Professores e alunos acham a Fundamar um local bonito e bem cuidado. Em nenhum lugar se vêem lixo, papel no chão, latas ou garrafas. Ao mesmo tempo, não existe nada de luxuoso ou supérfluo.

## Espaços acolhedores

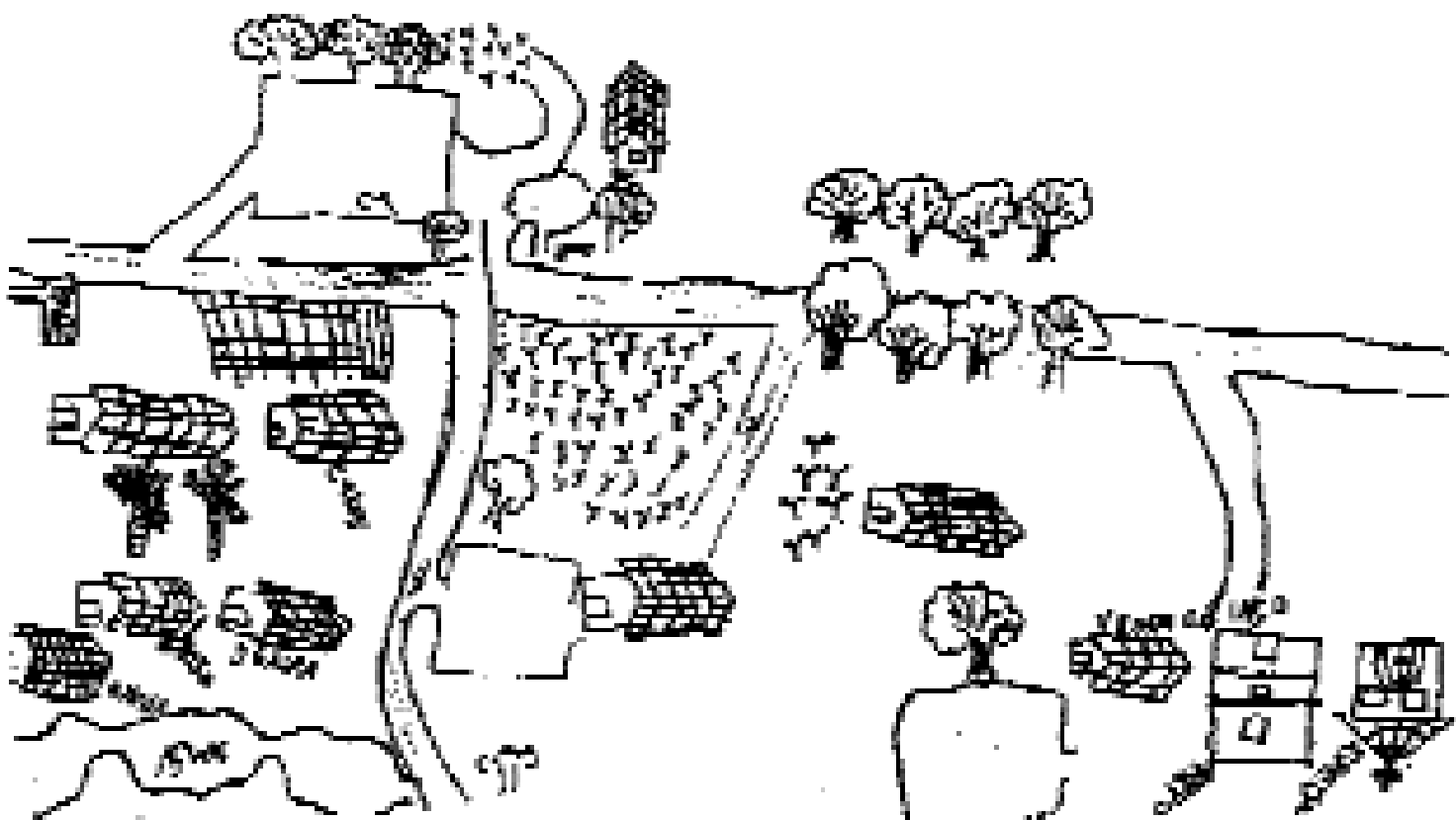
A escola espalha-se por várias casas que pertenceram a colonos, algumas delas sem forro, com o telhado visível e chão de cimento queimado. Em cada uma funciona uma sala de aula, com dois banheiros quase sempre externos. Todas são identificadas por uma placa pendurada no teto ou na porta com o nome do espaço, facilitando a comunicação visual dos visitantes e fazendo a linguagem escrita, quase ausente na zona rural, ganhar importância.

Dentro da sala, tudo o que é necessário está presente: mesas e cadeiras, quadro-negro, estantes para livros, espaço para as crianças se movimentarem e exibirem suas produções. Quadros de aviso informam as novidades, como as festas do mês ou a visita de ex-alunos.

No centro do terreno, um grande caramanchão redondo, com paredes baixas em forma de caracol, serve de espaço de encontro. É usado para lanche, reuniões com os pais, brincadeiras protegidas do sol e da chuva. Também há quadras de esporte e jogos.

O espaço de música é um antigo celeiro de milho, acima do nível do chão, numa construção tipo palafita, com uma escadinha de madeira dando acesso ao assoalho de tábuas. No seu interior, aparelho de som, berimbau, quadro-negro – cenário onde as crianças soltam a voz, mexem o corpo, acompanhando o violão tocado pelo professor.

Bem próxima, fica a sala onde as crianças pequenas desenvolvem suas atividades. Há ainda a casa de artes e ofícios, a marcenaria, a oficina de cerâmica, a de cestaria e a de computação.



Croqui feito por aluno representando o bairro onde mora e publicado no *Caderno de Estudos Sociais*, livro didático elaborado coletivamente ao longo de cada ano letivo.

### Presença da natureza

O espaço pedagógico, entretanto, não se limita às salas de aula, estendendo-se pelas sombras das árvores. Sempre que o clima permite, as atividades acontecem ao ar livre. No geral, as crianças passam pelo menos metade de seu tempo debaixo das árvores, na horta, no parque ou no campo de esporte.

Acompanhando as estações do ano, as árvores, flores e colinas se pintam de diferentes tons de verde, vermelho, amarelo. A vida no campo se faz presente. Olhando em frente, a vista vai longe. Nas pequenas colinas, um rebanho de vacas leiteiras pasta tranquilamente. De vez em quando, avista-se uma carroça na estrada. Cenas que tomam conta do imaginário das crianças e se integram, de maneira quase imperceptível, à aprendizagem diária.

## O Cerrado

Texto produzido por João Ernesto Campos Prado, monitor da horta da Escola Fundamar, e publicado nos Cadernos de Estudos Sociais.

Até o ano de 1970, onde hoje está localizada a Escola Estadual Fundamar, era uma área de cerrado, mais conhecida por cerrado do Braguinha. Esse cerrado era em terras que por muitas e muitas décadas foram improdutivas. Uma pequena fatia do imenso cerrado que existia entre Paraguaçu e Machado.

Apesar de serem terras desacreditadas, eram muito ricas em água, flora e fauna, que serviam para o sustento de muitas famílias. Suas águas são profundas de grandes nascentes cristalinas e com elas são feitos lindos açudes com diversas qualidades de peixe: mandi, traíra, cará, carpa e tilápia. Tem também um pequeno rio, que atravessa essas terras, conhecido por rio Machado. Sua nascente é em Silvianópolis. Ele corta as terras de S. João da Mata, a cidade de Machado, atravessa nos fundos do Bairro Chico dos Santos e deságua na represa de Furnas a poucos quilômetros acima da ponte entre Paraguaçu e Alfenas. (...)

A flora do cerrado era formada por pequenos arbustos: araçá-de-porco, candeinha, ipiúna, peito-de-pomba, angico e cambuí, que eram cortados para o uso de mourões no feitiço de cerca; o barbatimão cuja casca era explorada para ser vendido em curtumes para o curtimento de couro; o maroleiro que só servia para a produção do marolo que foi fruto tradicional da região. Tinha também árvores de grande porte, a maçaranduba, óleo de cupaíba, jatobazeiro, angazeiro e figueira.

A fauna era formada pelo Lobo-Guará, Cachorro-do-Mato, Tatu, Lontra, Jaquatirica, Paca, Veado, Capivara e muitos outros.

Em 1970, chegava ali a Firma Sociguaçu, pioneira do desbravamento daquele cerrado, que com grandes máquinas de esteira iam derrubando e enfileirando e no lugar destes pequenos arbustos faziam grandes plantações de eucaliptos.

E está aí hoje a Fundamar, esta escola que ensina e educa a crianças da comunidade vizinha, Bairro dos Alves, Macuco, Chico dos Santos, Castilho, Tavares, Pica-pau, Papagaio e Ouro Verde.

E ao seu redor hoje podemos ver grandes plantações de milho, feijão, mandioca, batata, arroz e o café que duas décadas atrás eram produzidas em cultura.



# O UNIVERSO RURAL

Além da paisagem natural, a escola busca decifrar e valorizar o cenário cultural ao qual pertence, ou seja, o ambiente rural mineiro. Durante o processo de sistematização, nas investigações sobre quem seria este homem do campo, os educadores olharam para fora, analisando as comunidades rurais, e para dentro de si mesmos, para suas infâncias, seus pais e avós. Nesse processo, vieram à tona emoções, reflexões e análises importantes.

## Preconceito

A primeira situação percebida foi o preconceito em relação à população que vive no campo. Os educadores logo questionaram: “Por que criança rural? Criança é criança em qualquer lugar do mundo. Parece que ao se falar de escola rural é como se fosse o primitivo pitoresco. As pessoas vêm nos visitar achando que somos um zoológico”.

O desconforto dos educadores é ainda mais forte quando se fala do caipira. A palavra já incorporou um sentido pejorativo, da pessoa sonsa e lenta, tal como foi retratada por Monteiro Lobato no personagem Jeca Tatu.

Na análise de Antonio Candido<sup>1</sup>, a palavra caipira é definida como um modo de ser, um tipo próprio de vida, uma cultura. Não se trata de uma etnia ou raça específica. O caipira traz na sua cultura a influência seminômade, rústica, aventureira e desbravadora dos bandeirantes portugueses e dos primitivos habitantes da terra.

Por sua vez, a psicóloga junguiana Isabel Labriola<sup>2</sup> aponta que o caipira incorpora a *persona* rústica que responde a um arquétipo do *ánthropos*, o homem natural. Para ela, os estímulos da natureza são altamente significativos para a compreensão e manutenção da vida, gerando uma cultura de troca com a própria natureza e seus mistérios. O homem urbano, por ter uma cultura técnica e industrial pretensamente mais evoluída, sente-se superior, caricaturando o caipira como atrasado e colocando-o em espetáculos pitorescos de inferioridade.

No sentido contrário, a população rural estabelece com a urbana a mesma relação que os países subdesenvolvidos têm com os desenvolvidos: “Desde o nosso mito de origem e colonização, ficamos submetidos a uma condição de inferioridade que continua sendo atuada e mantida historicamente, para garantir diferenças econômicas, sociais e políticas. Somos, aos olhos e ações do primeiro mundo, os ‘subdesenvolvidos’, os ‘ignorantes’ ou ‘incultos’, os ‘improdutivos’, os ‘coitados’, os ‘atrasados’, uns ‘caipiras pitorescos’. Somos os pobres, os depositários da função inferior da América... Acontece que acolhemos em nós esta desigualdade”<sup>3</sup>. Um estereótipo do qual é difícil de se desfazer.

<sup>1</sup> Antonio Candido, *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987.

<sup>2</sup> Isabel Labriola, “Do Analista-Caipira ao Caipira Analista” in XIII Moitará, *República do Pica Pau Amarelo – Arquétipos da Cultura Caipira*, Campos do Jordão, SBPA, 1999.

<sup>3</sup> Isabel Labriola, *op. cit.*

## Comunidades

A escola atende comunidades variadas, que apresentam traços em comum, mas também características próprias. Algumas, por exemplo, são verdadeiras vilas ou colônias, formadas por moradias próximas. Dessa forma, as crianças se encontram constantemente e brincam juntas, prolongando o relacionamento existente na escola. Em outras, as casas ficam isoladas, e as crianças sentem-se ainda mais atraídas pela escola, por ser o único espaço de relação e convívio com meninos e meninas da mesma idade. Há ainda comunidades que parecem vilas urbanas, com lotes de moradia sem terreno para plantar.

Essa diversidade de bairros confirma a descrição feita por Antonio Candido nos seus estudos sobre a comunidade rural, quando afirma: “O bairro é uma estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas umas das outras sugerindo por vezes um povoado ralo; há bairros de unidade frouxa, centrífugos, com um mínimo de interações. Outros têm a vida social e cultural mais rica, favorecendo a convergência e as atividades comuns num ritmo que permite chamá-los de centrípetos”<sup>4</sup>.

De modo geral, as comunidades são marcadas pela mobilidade familiar causada pelas mudanças de emprego. Outra característica comum são as rápidas transformações culturais provocadas pela interação – muitas vezes imposta – com a vida urbana.

Ir para a cidade é um sonho constante nessas comunidades. A cidade surge como sinônimo de vida melhor, de lugar mais desenvolvido e confortável. Parece haver a ilusão de que estar na cidade será suficiente para progredir e poder consumir os produtos desejados.

**“A realidade das famílias difere de acordo com a cultura de cada comunidade. As do Bairro do Papagaio, por exemplo, são normalmente assalariadas e têm três, quatro ou mais filhos. Gostam muito de futebol, festa e baile. A religião ocupa também um lugar de destaque na vida familiar. Esta comunidade não parece demonstrar muita preocupação com o futuro, mas de qualquer forma valoriza muito a escola.”**

*Altaíde Xavier Junqueira, diretor da Escola Estadual Fundamar.*

---

<sup>4</sup> Antonio Candido, *op. cit.*

## Famílias

Tanto nos desenhos das crianças como nas falas dos educadores, as famílias aparecem como sendo numerosas. E quanto mais pobre é o colono, maior o número de filhos. Para muitos, a crença de que um maior número de filhos significará mais mão-de-obra para o trabalho continua valendo. Mas alguns educadores já percebem uma alteração no perfil familiar, identificando o número máximo de três ou quatro filhos, e uma média de dois. Segundo a explicação das crianças no *Caderno de Estudos Sociais* de 2002, "isto acontece porque família grande dá muitos gastos".

O homem é a figura central no sustento das famílias. Ele detém a força de provedor, que consegue o trabalho e moradia nas fazendas. Já a mãe é vista como o centro da vida familiar, ocupando-se dos trabalhos caseiros e de algumas atividades na roça. É ela quem cuida dos filhos, dos parentes idosos e dos doentes. Esta é uma forte diferença em relação à família pobre urbana, cujas mulheres, mães e avós são cada vez mais o arrimo não só das relações, mas também do trabalho e da sobrevivência dos filhos.

Embora os pais não tenham uma relação próxima com as crianças, eles têm se mostrado assíduos e interessados nas reuniões da escola. O que pode significar a percepção deste espaço de formação como perspectiva de futuro.

Uma questão enfrentada constantemente pela equipe é o alcoolismo, assunto presente nas descrições e reflexões feitas pelas crianças sobre as famílias. A separação dos pais é outra situação comum. Cerca de 20% dos alunos das 2ª, 3ª e 4ª séries em 2002 não viviam com os dois pais, mas com um deles e sua nova parceira ou parceiro. Segundo os educadores, essa mobilidade, antes urbana, já parece ser vista com naturalidade, principalmente depois que a família volta a se estabilizar.

Quando os pais morrem ou não conseguem assumir a criação dos filhos, a criança é sempre acolhida por um dos avós, tios ou parentes mais próximos. Além da família estendida, as relações de compadrio aumentam o cerco de proteção, prevenindo o abandono da criança. Essa é outra diferença significativa em relação à família urbana de poucos recursos. Ao contar menos com as relações de parentesco e apadrinhamento, as crianças pobres das cidades estão sujeitas a um maior risco de abandono.

"A preocupação central da família é a alimentação. Dentro de casa, a parabólica e a TV já estão presentes. Na parede, o quadro da Última Ceia divide espaço com o retrato de Sandy e Júnior – um pé na religiosidade e outro nos mitos da infância da Rede Globo. O cachorro divide o espaço com a criança. O sonho de consumo é ir para Aparecida do Norte. E a mala está sempre pronta, de repente podem ter que se mudar."

Maria Lúcia Costa Prado, supervisora das oficinas

### Trabalho

As famílias vivem como colonos assalariados, pequenos proprietários ou uma combinação dos dois. Mas qualquer que seja o vínculo, com a terra ou com os patrões, são igualmente pobres.

As mulheres pouco participam do trabalho remunerado, especialmente em razão da mecanização da lavoura e da crise cafeeira. Em algumas comunidades elas conseguiram se organizar e criar uma alternativa de renda. No Bairro do Ouvidor, um reduto de pequenos proprietários, elas produzem doces e artesanato para vender.

Quanto ao trabalho das crianças, observam-se duas posturas diferentes. De um lado, acredita-se que os filhos possam ajudar no trabalho para diminuir a pobreza da família. De outro, a infância é percebida como uma fase da vida em que a criança deve receber mais do que ajudar. Nesse sentido, o atendimento integral oferecido pela Fundamar revela-se como um fator decisivo para prevenção do trabalho infantil, pois garante diretamente às crianças o direito de brincar e estudar, além de permitir que as mães busquem renda e trabalho próprios, sem precisar impor aos filhos mais velhos o cuidado da casa e dos irmãos.

De qualquer forma, a busca de trabalho é um desafio constante. Às vezes, a produção cai, faltam empregos, e as famílias precisam se mudar em busca de novas oportunidades. A intensa mobilidade traz conseqüências diretas na forma de viver da família e no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

### Alimentação

A alimentação é vista como primeira necessidade e é muito valorizada pela família. Segundo Antonio Candido, em seus estudos sobre a sociedade caipira, o alimento tem valor simbólico e uma forte importância social. Relembrando ou refletindo a situação de crise e escassez dos alimentos prediletos, cria-se uma “fome psíquica”, que confere um valor especial à alimentação, influenciando a personalidade, a visão de mundo e os hábitos sociais.

Entre as famílias, embora não haja abundância, também não há fome, e as refeições se constituem em um momento de partilha. Como conta a coordenadora, Maria Lúcia Prado Costa, “é raro visitar uma casa de pais em que não seja oferecido algo para comer, mesmo que seja laranja do pé”. Nas mesas, cada vez estão mais presentes produtos industrializados, como macarrão, biscoito e massa de tomate. Dificilmente encontra-se milho, mandioca, porco ou galinha no terreiro. Maria Lúcia explica que as famílias que vivem como colonos assalariados não têm plantação em casa por restrição do patrão ou por estarem apenas de passagem. De qualquer forma, apesar da mudança nas rotinas, os horários de refeição continuam sagrados.

As crianças, logo quando descem do ônibus, correm para ler o cardápio do dia no quadro-negro do refeitório, o que é um ótimo incentivo à leitura. Na reunião de pais é organizada uma feirinha de alimentos, onde doces, pastéis e coxinhas são vendidos e comprados com alegria.

### Religiosidade

A religiosidade é parte forte da cultura local. Prevalece a tradição católica, com a celebração de missas, rezas do terço, grupos de oração, procissões e romarias. Há uma especial devoção à Nossa Senhora Aparecida. A imagem da santa, indo de casa em casa, acompanhada de cantos e orações, é uma tradição antiga que se mantém acesa.

Na Fundamar, não só os pais mas também os educadores são pessoas religiosas. Muitos participaram ou participam de movimentos sociais católicos e até mesmo os lideram. Segundo os educadores, as crianças desde pequenas rezam com muito fervor e, quando têm alguma intenção especial, pedem aos pais para fazerem orações em grupo.

### Lazer e diversão

São poucas as opções de lazer para os adultos. O futebol é um dos raros motivos de encontro e diversão na comunidade. Todo domingo, os homens costumam se reunir para jogar bola, acompanhados das mulheres e crianças, que se entusiasmam na torcida.

Para os homens, outro ponto de encontro habitual é o boteco. É ali onde se reúnem para contar seus "causos", trocar informações, fazer negócios e... tomar cachaça. Desde a época dos engenhos de cana-de-açúcar, o álcool fabricado nas fazendas tem presença forte nas comunidades rurais. De geração em geração, é seguida a máxima: "Homem que é homem bebe". Os casos de alcoolismo são constantes. *(Leia texto escrito pelos alunos da Fundamar sobre esse assunto na pág. 40.)*

As mulheres, por sua vez, pouco se divertem. No seu dia-a-dia, não há separação entre horário de trabalho e de descanso ou lazer. Nos fins de semana, a família raramente vai à cidade, a não ser nas celebrações, em geral religiosas. Difícilmente tiram férias ou viajam.



### A infância longe das cidades

Segundo os educadores, a infância no campo é “como outra qualquer”. De qualquer forma, ser criança no campo parece ter algumas vantagens em relação à infância nas cidades. A principal delas talvez seja não viverem fechadas, tendo mais espaço e liberdade para encontros e brincadeiras.

O cotidiano das crianças varia de comunidade para comunidade. “Em algumas, elas criam seus próprios brinquedos, como na época de seus pais. Fazem bonecas de sabugo de milho, brincam de roda pião, pique, pipa, cantigas de roda... Em outras, apesar de terem espaço, parecem viver como as crianças dos centros urbanos. Ficam muito tempo dentro de casa, diante da televisão”, observam os professores.

Na visão dos educadores, as crianças se expressam muito bem no desenho, representando a realidade que vivem com riquezas de detalhes. Mas têm dificuldades na expressão oral. Têm dificuldades de dar informações sobre si, em falar seu nome, nome do pai e da mãe, seu endereço. Dizem: “Eu moro na roça, na roça do ‘homi’”. A relação com o tempo também é diferente. Dificilmente as crianças usam relógio ou consultam o calendário, por mais que estes estejam pendurados nas paredes de suas casas.

Todos esses itens são investigados pela escola, sendo contemplados no projeto pedagógico. No dia-a-dia não faltam estímulos para cada um falar de si, descrever, interpretar, construir a noção de tempo e espaço.

### Ritmo de vida

“O povo rural”, descrevem os educadores, “é um povo sem sobressaltos ou medos. Apesar da vida dura, são curiosos e gentis. Existe tempo para prestar atenção aos outros. As pessoas daqui são mais cordiais e cooperativas.”

Tradicionalmente, o ritmo do campo é marcado pela natureza: hora de plantar, hora de esperar, hora de crescer, hora de colher. Nas últimas décadas, um novo ritmo de produção foi trazido com a expansão dos adubos, fertilizantes, tratores e colheitadeiras.

As crianças rurais mostram uma maior serenidade, inclusive corporal e motora. Um pequeno exemplo é seu comportamento dentro do ônibus na ida e na volta da escola. Elas permanecem sentadas, tranquilas, muitas vezes olhando a paisagem pela janela. Também é significativa a relação com os animais – presentes na maioria das casas. Esse vínculo torna-se um grande catalisador do afeto, desenvolvendo nas crianças uma postura protetora, que combina responsabilidade e ternura.

**“As famílias não vivem isoladas do mundo. São famílias rurais, mas têm contato com a cidade. Os objetos de consumo urbano, como carro, parabólica, TV, som, celular, já fazem parte do dia-a-dia de várias crianças.”**

Cibele Ercília Pinto Costa, supervisora da Educação infantil

### Conflitos e mudanças

Ao mesmo tempo que os educadores ressaltam um jeito de ser próprio das famílias rurais, não negam que há um intenso contato e conflito com o mundo urbano. Seja no trabalho ou no lazer, a chegada das novas tecnologias tem forte impacto na vida das crianças e dos adultos. Na roça, por exemplo, a mecanização do trabalho faz com que não haja mais espaço para o saber sobre a plantação, a chuva, a colheita. Os remédios e alimentos caseiros também cedem lugar aos produtos trazidos das cidades.

O início da noite, um tradicional momento de encontro para os comentários sobre o dia, a “contação de causos”, é hoje vivido em frente ao aparelho de televisão, visto como algo negativo pelos educadores. Algumas avaliações colhidas entre eles confirmam isto: “A televisão incentiva a passividade”, “A criança fica com preguiça de criar”. Ou ainda: “É verdade que a TV traz informações. Mas geralmente os pais não percebem a hora de desligar e não avaliam quais são os programas prejudiciais. Para eles, qualquer programa está bom.”

Um pequeno detalhe, como os nomes das crianças, demonstra a complexidade dessa influência. Herdeiras da cultura religiosa portuguesa, as famílias costumavam batizar seus filhos de Antônio, José ou Maria. Nos últimos anos, entretanto, aumentou a variedade de nomes – muitos deles estrangeiros – inspirados em filmes, novelas, jogadores de futebol, e divulgados pela televisão. Mas o mais interessante é notar que surgiram nomes como Kelly Aparecida ou Wesley Antônio, fruto da interação entre o novo e o tradicional.

“As crianças e jovens estão com um pé no rural e outro no urbano e têm que se equilibrar”, diz a coordenadora Maria Lúcia Costa Prado, resumindo o desafio vivido pela escola. “A escola tem tentado trazer estes dilemas – cidade x roça, homem x natureza, rapadura x biscoito – para dentro da sala de aula para que sejam mais bem discutidos e compreendidos”, afirma. A Fundamar assume, portanto, o papel de estimular a discussão e entendimento dos conflitos para que a população que vive no campo escolha melhor seus próprios caminhos.



# A PROPOSTA PEDAGÓGICA

## 1. Etapas de uma proposta pedagógica

Dedicada a refletir e sistematizar o trabalho desenvolvido pela Escola Estadual Fundamar<sup>5</sup>, a supervisora Maria Lúcia Prado Costa identifica quatro fases principais na sua trajetória pedagógica:

**1984 e 1985**

### Desenvolvimento comunitário

A escola começou com um forte papel comunitário, que norteou seus dois primeiros anos de atuação. Além das crianças, pretendia-se atingir também as famílias de trabalhadores rurais. Havia como propósito a fixação do homem no campo, o desenvolvimento da agricultura orgânica e a geração alternativa de renda.

Por um lado, foram criados diferentes espaços para convivência e integração dos adultos, como o clube de mães, o time de futebol e um conjunto musical. Ao mesmo tempo, aconteciam atividades de orientação de plantio, higiene, educação para o lar, direitos trabalhistas, história de vida, entre outras.

Havia a expectativa de que, com o tempo, a própria comunidade se organizasse, criasse um conselho comunitário e gerisse o projeto. Mas foi tudo mais difícil do que se imaginava e, aos poucos, a escola começou a redirecionar seu foco de atuação. “Olhando para trás, percebemos que, na falta de uma proposta pedagógica própria, a escola incorporou a ideologia presente na época, tomando para si o encargo de superar os entraves para a resolução dos problemas dos trabalhadores rurais”, avalia Maria Lúcia.

**1986 a 1989**

### Supervisão não-formal

Em 1986, a escola começa a buscar seu próprio quadro de supervisores – tanto administrativos como pedagógicos. Logo surge uma grande dificuldade, que permanece até hoje: encontrar profissionais especializados, dispostos a morar em um lugar tão distante e isolado.

Para suprir a ausência de supervisão, a escola investe intensamente em cursos pontuais de formação e qualificação com especialistas em Educação e Artes. Os dois desafios principais deste período foram os de aprimorar a qualidade do trabalho e integrar as atividades da escola formal às oficinas.

**1990 a 1992**

### Proposta pedagógica

O projeto de desenvolvimento comunitário dá lugar a uma proposta pedagógica centrada na criança. Entende-se que a comunidade não será atingida diretamente pela escola, mas por seus alunos. Ao voltar para suas casas, cada um poderá

---

<sup>5</sup> As monografias e outros trabalhos sobre a Escola Estadual Fundamar de autoria de Maria Lúcia Prado Costa podem ser encontrados no site da instituição ([www.fundamar.com.br](http://www.fundamar.com.br)).

promover o projeto de organização comunitária, incluindo discussões sobre saúde, saneamento, cultura, lazer, memória e direitos sociais.

Nessa mesma época, firma-se o primeiro convênio entre a Escola Estadual Fundamar e a Secretaria de Educação de Minas Gerais, dando formato jurídico à cooperação já existente. No esforço de enriquecer sua pedagogia, a escola introduz os módulos temáticos: índios do Sul de Minas ou a história da cidade de Paraguaçu, por exemplo; buscando elaborar conceitos de forma mais significativa e desenvolver a reflexão e o pensamento crítico.

### 1993 até hoje

#### Convivência de pedagogias

Em 1993 surgem os *Cadernos de Estudos Sociais* com patrocínio inicial da Fundação Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Posteriormente, a iniciativa é apoiada pelo Programa Crer Para Ver, da Fundação Abrinq e da empresa de cosméticos Natura. Os *Cadernos* definem uma linha pedagógica que era procurada pela escola desde seu início: transformar a realidade do aluno em objeto de constante investigação.

O atendimento é ampliado até a 8ª série. A escola passa a ter uma supervisora para cada área: Educação Infantil, primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental e oficinas. Mas a intensa rotatividade dos supervisores, somada às mudanças nos fundamentos e estruturas oficiais do Ensino Fundamental, dificulta a solidificação de uma pedagogia.

Entretanto, a supervisão das oficinas e dos *Cadernos de Estudos Sociais*, a cargo da própria Maria Lúcia, mantém-se constante e torna-se o fio condutor da proposta de aprendizagem. Diferentes correntes e interlocuções pedagógicas se fazem presentes, com destaque para a proposta de pesquisa participante de Carlos Rodrigues Brandão<sup>6</sup>, que orienta a metodologia investigativa e a produção de conhecimentos desenvolvidas pela escola; os estudos de Antonio Candido<sup>7</sup>, adotados como referencial para o entendimento das comunidades rurais; e as reflexões de Milton Santos<sup>8</sup> sobre a construção do espaço geográfico e da cidadania.

## 2. Bases conceituais que fundamentam a proposta

Somando e recriando os diferentes conceitos, a Escola Estadual Fundamar constrói uma compreensão própria de aprendizagem, baseada nos seguintes alicerces:

- ▶ Os conteúdos trabalhados partem da cultura e dos saberes dos alunos e suas famílias. Os alunos participam de um movimento de investigação sobre si próprios e seu contexto espacial e familiar.
- ▶ A realidade é problematizada, e os alunos usam de sua criatividade para buscar soluções, uma vez que não são apresentados modelos prontos.
- ▶ Todos são aprendizes. Embora com níveis de saberes diferentes, alunos e professores se sentem autores da construção do seu conhecimento, apoiados entre si e pela supervisão.
- ▶ A escola deve ser prazerosa, porque aprender deve ser interessante, uma fonte de alegria, não de pressão ou castigo.
- ▶ O processo de pensamento do aluno deve ser objeto de estudo coletivo dos professores.

---

<sup>6</sup> Carlos Rodrigues Brandão, *Pesquisa participativa*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

<sup>7</sup> Antonio Candido, *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987.

<sup>8</sup> Milton Santos, *O espaço do cidadão*. São Paulo, Studio Nobel, 2002.



## O SER HUMANO QUE QUEREMOS FORMAR

- 1 Um ser humano consciente e crítico.
- 2 Que tenha condições de se comunicar, se relacionar, tomar posições, enfrentar os desafios da sociedade na busca de seus objetivos.
- 3 Que tenha autonomia de pensamentos e ações.
- 4 Que seja consciente da sua realidade, de seu mundo.
- 5 Que consiga fazer escolhas e assumi-las, com as perdas e ganhos que isso requer.
- 6 Que seja sujeito do seu desenvolvimento e da sua aprendizagem.
- 7 Que saiba buscar os caminhos para se desenvolver.
- 8 Que tenha sonhos, esperanças e sentimentos de alegria pela vida.
- 9 Que tenha dignidade.
- 10 Que saiba viver em igualdade, respeitando as diversidades culturais.
- 11 Que saiba enfrentar o mundo lá fora.
- 12 Que ocupe seu espaço e que valorize sua profissão, aquilo que faz.
- 13 Que tenha clareza dos seus direitos e seja cumpridor de seus deveres.
- 14 Que valorize os princípios éticos, morais, religiosos e sociais.
- 15 Que se preocupe em gerar a vida e não em criar bombas.

Resultado de oficina de reflexão da equipe de coordenação durante o processo de sistematização.

### 3. A metodologia investigativa

Um dos pilares da proposta pedagógica da Escola Estadual Fundamar é uma metodologia investigativa, que leva a escola a pesquisar, observar e analisar constantemente a criança e seu contexto. Esta investigação é feita em diferentes planos pelos supervisores, professores e pelas próprias crianças que, de forma sistemática e organizada, se propõem questões a serem pesquisadas e respondidas: “Quem somos nós?” “O que é ser ‘do campo’?” “Qual é nossa história?” “Como é nossa escola?” “Como são nossas casas?” “Como é nossa família?” “Como é nossa cidade?” “Por que mudamos tanto de moradia?” “Quais são as nossas dificuldades?” “Por que temos estas dificuldades?” “O que queremos para o nosso futuro?”

A realidade da criança torna-se ponto de partida para o processo de leitura do mundo. Considerada como sujeito intelectual e detentor de cultura própria, a criança é estimulada a se tornar agente participante na construção de sua autonomia como cidadã. “Nosso objetivo é conseguir que elas tenham autonomia de pensamento e de ação. Se conseguirem fazer e assumir suas escolhas, com as perdas e ganhos que elas trazem, acho que está de bom tamanho”, sintetizou Maria Lúcia durante a discussão dos objetivos pedagógicos da escola.

A postura investigativa provocada nas crianças também está presente nos professores. Todos, em qualquer idade, devem buscar novos conhecimentos. Neste momento, com a exigência oficial de diploma superior para exercer o magistério, praticamente todos os professores da Fundamar de Ensino Fundamental já são há muito tempo graduados. Os atuais monitores-artesãos de oficinas estão freqüentando as faculdades das cidades vizinhas, provocando um crescimento no grupo. Segundo Maria Lúcia, “é bom os alunos verem que os professores também estudam e pesquisam”.

Dessa forma, as crianças observam que sempre existem perguntas a serem respondidas, que o saber precisa ser continuamente garimpado e que ele permite às pessoas se conhecerem melhor, bem como a sua realidade. O objetivo é sempre o mesmo: fazer escolhas conscientes e conquistar uma vida melhor, para si e toda a comunidade.

Nesse processo, crianças, professores e educadores produzem textos e montam seus próprios livros, aprofundando reflexões, ao mesmo tempo que investigam a forma como se dá o conhecimento intelectual das crianças, como constroem suas capacidades operativas e noções de tempo e espaço. Usando os referenciais conceituais construtivistas de Piaget e Vigotsky, os professores exercitam a fundamental capacidade de ouvir, observar e registrar, passando a compreender como as crianças desenvolvem o pensamento e como se constituem como sujeitos.

**“Trazer para o cotidiano das crianças (e dos professores) a percepção dos problemas do seu meio, desenvolvendo com elas o exercício de pensar sobre as situações vividas, para melhor compreendê-las e explicá-las, e se for o caso propor soluções plausíveis, é a função da escola.”**

*Caderno de Estudos Sociais de 2002, livro didático elaborado pelos alunos e educadores da Escola Fundamar*

## Descobrimos o espaço da escola

Texto da professora Sueli Pereira elaborado a partir do relato das crianças e publicado no Caderno de Estudos Sociais de 1998

“Com a ajuda de João Ernesto (monitor responsável pela horticultura), fizemos o trajeto de uns 2 km, mais ou menos, para conhecer a área de plantio e os açudes com suas utilidades. Descemos e à nossa direita deparamos com o plantio de batata-doce; do lado direito deste plantio, a horta, onde se planta de tudo (verduras e legumes). Descemos mais uns 50 metros e em frente ao açude do Flavinho, segundo João Ernesto, o nome foi dado em homenagem ao construtor deste açude. A água que abastece o açude vem de uma restinga do mato. Se utiliza desta água para aguar o jardim da casa da D. Creusa e o viveiro do café.

Viramos à esquerda e andamos mais uns 200 metros e à nossa direita nos deparamos com o açude do Meio. Segundo João, a água que abastece este açude vem da mina de Maçaranduba, e que tem este nome devido a uma árvore nascida neste lugar. Essa mina é muito rica em água. À nossa esquerda chamou-nos atenção o pomar com laranjeiras, limoeiros e mexeriqueiras.

Continuamos a andar e mais uns 150 metros, chegamos em frente ao açude Branco, que segundo João é o mais velho, construído em 1802, a couro de boi. O abastecimento deste se faz com a sobra do açude do Meio e com a sobra da água na mina das Abelhas. Utiliza-se dessa água para a irrigação das grandes plantações (feijão, batata e milho).

Continuamos a andar e chegamos onde se capta a água da mina das Abelhas. Esse foi o ponto final da nossa pesquisa. O caminho dessa captação até a escola tem 1,5 km mais ou menos. O percurso durou uma hora.

A excursão foi muito proveitosa, de maneira prazerosa as crianças conheceram parte da história da nossa escola.

Durante este passeio, ficaram bastante curiosas. Perguntaram o que estavam plantando, fizeram perguntas sobre distância de um açude para o outro. João Ernesto falou em quilômetros, Ludiélisson comentou que em 1 km há mil metros. João falava o porquê da cor escura do Meio devido ao lodo no fundo do açude. Eles discordaram, dizendo que a água é escura, devido a muita sombra do mato que tem ao redor. Queriam conhecer as minas; a que vem da restinga da Maçaranduba e principalmente das Abelhas. Não ficaram satisfeitos só com a localização de cada açude. Queriam conhecer o açude Preto, que segundo João Ernesto, antigamente abastecia o açude Branco. Hoje o açude Preto deságua no ribeirão Ouvidor, que por sua vez deságua no rio Sapucaí, em Guaipava.”

## 4. O tesouro da memória

A pedagogia desenvolvida pela Escola Estadual Fundamar reconhece a memória como ferramenta fundamental para a construção de conhecimentos e saberes. Por meio da pesquisa participante<sup>9</sup>, professores e crianças fazem a reconstituição das histórias pessoais e coletivas. Ao resgatar a cultura do campo, suas raízes e significados, buscam enfrentar a perda de identidade e de sentido de pertencimento aceleradamente vivida pela população local.

Estudos atuais de neurociência revelam a importância da memória nos processos de aprendizagem. É considerada a base de todo o saber. Afinal, é a memória que dá significado ao cotidiano, permite lembrar e acumular experiências, manter a identidade, formar e aprofundar vínculos. E mais: é ela que garante a apropriação de si, mantendo a integridade do indivíduo, a identidade de um povo e de uma cultura.

As crianças e professores refazem a história de suas vidas, de suas famílias, sua escola, cidade e país. A memória, portanto, não é entendida como mero registro, cópia da realidade ou como acúmulo de informações. Não é usada só para lembrar ou reviver, mas principalmente para refazer. Assume um papel ativo, gerando sentimentos e emoções, construindo hipóteses, ampliando e aprofundando idéias, analisando, modificando, criando e desejando.

Ela faz aparecer o que estava desaparecendo, promove continuidade quando há rupturas, favorece a unidade quando há processos desintegradores, explica quando há perguntas e, como resultado, dá possibilidades para que cada sujeito ou grupo busque seu lugar, seu valor singular, sua originalidade. Nesta diferença, está pautada a igualdade de todos terem direito a serem únicos, como indivíduos ou grupos.

A memória promove, assim, a reflexão do *agora* a partir do *antes*. Constrói conhecimentos e significados, para buscar o lugar de cada um, de cada grupo e dar lugar para todos.

Segundo o geógrafo Milton Santos, “existe uma íntima relação entre a alienação moderna e a construção do espaço do sujeito. Quando o homem se confronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece e cuja memória lhe é estranha, este lugar é fonte de uma vigorosa alienação, uma vez que o entorno vivido é um lugar de interações e trocas, matriz de um processo intelectual”<sup>10</sup>.

Mas se o espaço aliena, ele é também condição de desalienação. O debate sobre cidadania está intrinsecamente vinculado ao debate sobre produção de espaço como reconstrução da sociedade. Assim, a escola é um espaço privilegiado de interações e trocas e de construção de pertencimento.

---

<sup>9</sup> Carlos Rodrigues Brandão, *Pesquisa participativa*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

<sup>10</sup> Milton Santos, *op. cit.*



## *Conhecendo nosso estado de Minas Gerais*

*Texto coletivo feito pelas crianças e professora de Educação Fundamental, publicado no Caderno de Estudos Sociais de 2002*

*Nós sabemos que a origem do nosso estado vem das minas de ouro que foram descobertas pelos bandeirantes. O ouro de Minas foi desaparecendo e as pessoas resolveram ir para o campo chamado de Gerais porque eles estavam sem ouro, passando dificuldades e fome.*

*Para sobreviverem começaram a trabalhar com a agricultura e pecuária, (criação de gado).*

*Nosso estado é chamado de Minas Gerais e seu formato parece com o rosto de uma bruxa maliguda...*

### **5. Construindo a memória local**

Para dar instrumentos pedagógicos adequados aos alunos e professores e construir referências sobre a história e a geografia (o tempo e o espaço) do seu entorno, os educadores da escola saíram a campo identificando depoentes, reproduzindo fotografias, unindo fontes escritas que se encontravam dispersas, criando textos, mapas e desenhos. O objetivo é articular todas essas informações para criar um banco de dados sobre o tempo e o espaço comunitários.

No início, seis eixos temáticos orientaram a produção: ocupação e estrutura fundiária; gado; café; pequena produção; educação e saúde; religião e lazer.

A baixa escolaridade dos moradores mais antigos da região e o número reduzido de fontes escritas e fotográficas organizadas definiram a história oral como sendo a estratégia fundamental para coleta das informações. Elegeu-se como tema *A história social do Sul de Minas*, em busca da gênese da classe trabalhadora rural nas antigas regiões da Freguesia do Carmo Escaramuça (atual Paraguaçu) e Santo Antônio do Machado (atual Machado) a partir da segunda metade do século XIX. Afinal, como filhos de trabalhadores rurais, essa história dizia respeito às crianças.

Entre outras fontes, foram entrevistados um filho de escravos, que contou histórias narradas pelo pai, bem como descendentes de imigrantes italianos. Também foram consultadas antigas hospedarias, arquivos públicos, bibliotecas municipais, entre outros. Essa pesquisa gerou o livro *Fontes para a História do Sul de Minas: os trabalhadores de Paraguaçu e Machado (1850-1900)*, de Maria Lúcia Prado Costa, a coordenadora das oficinas da Fundamar, que é historiadora de formação. Publicado em 2002 com apoio do programa Crer Para Ver, da Natura e da Fundação Abrinq, com tiragem de 500 exemplares, a obra foi distribuída gratuitamente às escolas de Ensino Fundamental e às Secretarias de Educação de 38 cidades da região de Varginha.



A mão-de-obra que impulsionou o ciclo cafeeiro no sul de Minas Gerais (acima, retrato da família Fressato, de imigrantes italianos) foi analisada pela historiadora Maria Lúcia Prado Costa e editada pela Fundação 18 de Março como um dos *Cadernos de Estudos Sociais* da Fazenda Escola Fundamar.

Na seqüência, novos temas foram explorados: a história da Associação de Crédito à Assistência Rural (ACAR), a história das escolas rurais da região, as práticas de saúde da população, a história das parteiras e benzedeiças tradicionais, entre outros.

Esse rico acervo serviu de matéria-prima para alunos e professores produzirem material didático para as primeiras séries do Ensino Fundamental. Textos informativos e ficcionais narrando o ciclo dos principais produtos da lavoura e da pecuária local foram criados pelos alunos da Fundamar, que também imaginaram jogos de trilha sobre a natureza da região. As crianças fizeram cartazes ilustrativos das fases históricas da cultura do café, principal cultivo da região, produziram um croqui da escola, das fazendas e bairros atendidos, além de mapas e plantas urbanas dos municípios de Paraguaçu e Machado.

## Histórias de nossas vidas

Os alunos da Escola Estadual Fundamar são constantemente instigados a investigar seu tempo e espaço a fim de terem mais consciência e de serem capazes de perceber e atuar sobre sua realidade. Um exemplo dessa prática é a construção de textos coletivos sobre as *Histórias de nossas vidas*.

Às vezes, após a produção coletiva do texto, as turmas são divididas em pequenos grupos para que cada um crie uma situação sobre o tema trabalhado. Numa atividade sobre conflitos familiares, por exemplo, foram montadas cenas criativas especialmente sobre o uso de bebidas pelos pais, gerando identificação e debate nas turmas. A reconstrução e discussão dos conflitos e elaboração sobre possíveis soluções e mudanças dão às crianças consciência das dificuldades e melhores condições de se posicionar.

### A história de nossas vidas

*Texto produzido pelos alunos, publicado no  
Caderno de Estudos Sociais de 2002*

*Pesquisamos com nossos pais algumas coisas sobre nossa vida. A maioria dos nossos colegas mora na roça (22 crianças na zona rural) e o restante mora na cidade (quatro crianças na zona urbana). Tanto na roça como na cidade sabemos que existem problemas. Depois de discutirmos com nossos colegas e professora, achamos que na roça ainda é mais calmo e mais tranquilo para se viver. Outro motivo é porque nascemos na roça e preferimos continuar morando aqui.*

*Mudamos algumas vezes e os motivos foram:*

- \* fomos mandados embora, trocou o patrão;*
- \* não estávamos contentes com o salário;*
- \* ganhamos ou compramos casa na cidade;*
- \* morte de alguém da família ou separação dos pais;*
- \* mudamos da roça para a cidade ou o contrário.*

*O nosso colega Loram mudou da rua da Máquina em Machado para a fazenda do Sr. Edvan, no bairro Pica-pau, onde tem vários parentes. O pai de Loram não trabalha para o Sr. Edvan, mas mora na fazenda dele.*

*A Bruna morava no litoral de S. Paulo em Ubatuba. O pai dela cuidava de chalés. Neste ano eles se mudaram para o bairro do Ouridor, onde o pai comprou umas terras, mas ele trabalha para o Italiano.*

*Moramos em várias cidades como: Machado; Gouradinho, distrito de Machado; Carvalhópolis; Carmo do Rio Claro; Alfenas; Belo Horizonte; Viçosa, cidades de Minas Gerais. E também em Ubatuba, no estado de S. Paulo. Outros nunca mudaram, nasceram e continuam morando no mesmo lugar, mas são poucos os que moram em casa própria, a maioria mora em casa dos patrões.*

## Em nossa família aparece de tudo, cada um com o seu jeito

Texto coletivo produzido pelos alunos,  
publicado no Caderno de Estudos Sociais de 1998

Alguns pais ajudam em casa fazendo comida, lavando roupa, trocando os filhos, e alguma coisa mais.

Outros não gostam de ajudar. Alguns não levam jeito e estão cansados do serviço. Percebemos que há muita briga em nossos lares, pois é a danada da pinga que atrapalha e destrói algumas famílias. Em alguns casos a mulher sente vergonha de sua bebedeira e do que ela faz. Percebemos que muitos pais gostam mais da pinga do que da própria família.

Gostaríamos que a pinga não existisse, para haver mais união e alegria em nossas casas.

Lucas sugeriu que fizéssemos alguns cartazes e procurássemos remédios contra a pinga. Elidison disse que tinha um remédio muito bom: um copo de pinga mais pimenta malagueta. Essa bebida queima tudo. Heberton disse que é só cozinhar os pés de um urubu e dar o caldo para eles beberem.

Outras simpatias foram citadas e eles disseram que sabiam porque ouviram falar.

José disse que o tira-álcool é uma cacetada, compra na farmácia; isso ele escutou no rádio. Põe na comida ou no café sem o doente ficar sabendo. Se ele tomar a beber vomita até as tripas (sua irmã deu para o marido).

Alguns sugeriram que rezar ajuda e Rodrigo se prontificou em trazer e de fato trouxe alguns versos de seu pai que são muito bonitos:

Beija-flor de rabo branco  
Dê três voltas no cupim  
Deus me ajude e me dê inteligência para mim.

Na parede do meu quarto  
Eu preguei uma cruz  
Pra lembrar Jesus que também foi  
Pregado na cruz  
Vinte e cinco de dezembro  
Quando o galo deu sinal, nasceu menino Jesus  
Numa noite de Natal.

Em protesto contra a pinga, Lucas sugeriu que fizessem cartazes para pregar por todos os lados até mesmo na porta de certas casas. Mas Edson disse: "Tem pai que não sabe ler e os outros podem até nos agredir. Eles acham que a criança não sabe nada".

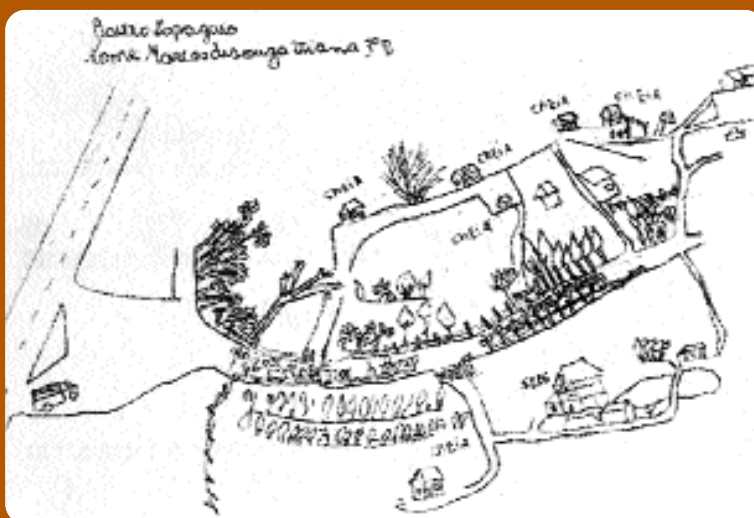
Heberton concluiu: "E com isso eles não estão percebendo que estão destruindo a própria família".

## 6. A produção de conhecimento

Um marco pedagógico da Escola Estadual Fundamar é a produção permanente de conhecimento por parte dos educadores e das crianças, que inclui três frentes complementares:

### *Cadernos de Estudos Sociais*

Em vez do tradicional material didático, pronto e acabado, a Fundamar estimula que os alunos e professores de cada classe elaborem seus próprios textos, seguindo o programa definido. Coletivos ou individuais, os textos são reunidos nos chamados *Cadernos de Estudos Sociais*, já conhecidos em todo o Sul de Minas. A produção



### CADERNO DE ESTUDOS SOCIAIS: UM EXEMPLO

Em 2002 o roteiro proposto aos alunos da 2ª série estava dividido em três grandes temas:

**A Família:** identificação dos membros da família, suas idades e as relações de parentesco; construção do conceito de família; interação familiar (debate sobre os grupos de interação de cada membro: trabalho, escola, grupo religioso, time de futebol etc.); árvore genealógica; história de vida.

**A Casa:** construção de conceitos, com análise de diversos tipos de casas, contrastes entre as da cidade e as do campo etc.; identificação da casa e elementos adjacentes, como horta, casinha, paiol; elementos de devoção: desenho dos enfeites da parede da sala de visitas da casa e descrição de seus significados; representação do espaço interno da casa, em argila e em planta baixa.

**A Escola:** saneamento (água de beber, de consumo geral, esgoto, fossa, lixo); proposta de melhoria do padrão de qualidade, como campanhas coletivas ou alternativas de reciclagem; croquis da escola, observando-se a proporção e a distância entre os equipamentos; batalha naval (exercício de localização de pontos do croqui a partir de indicações de referências topológicas); áreas verdes da escola (áreas de plantio, açudes, vegetação remanescente); história da escola.

desse material busca superar o perceptível distanciamento entre os textos geralmente utilizados nas salas de aula e a realidade dos alunos. Responde à preocupação dos educadores de que a escola não se torne um espaço engessado, estereotipado, de *mentirinha* ou *faz-de-conta*, com currículos sem sentido para a criança atendida.

Esses cadernos são produzidos, ao longo do ano letivo, pelos próprios alunos de 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, de forma a garantir a cada um deles a flexibilidade de montar, a partir de um roteiro prévio e geral, a sua própria cartilha, com registro e análise de sua realidade social, que, apesar de coletiva, tem aspectos peculiares, estritamente individuais. Assim, ao final de cada ano, todo aluno dessas séries terá concluído o seu próprio *Caderno de Estudos Sociais*.

### Grupo de estudos

As supervisoras realizam grupos de estudos para aprofundamento teórico, análise dos resultados da aprendizagem dos alunos, do material produzido por eles e dos relatos das professoras. É tema constante de investigação a forma pela qual as crianças constroem seu pensamento e a noção de tempo e espaço na realidade onde vivem.

Um exemplo das preocupações da escola é compreender o impacto da intensa mobilidade das famílias e dos alunos, mudando-se de uma fazenda para outra, do campo para a cidade ou vice-versa, na dinâmica das famílias e no processo de aprendizagem das crianças. São várias as questões que devem ser atendidas na proposta pedagógica:

- ▶ Em que medida este intenso processo de “desenraizamento” das famílias do meio rural responde pelas dificuldades de aprendizagem, uma vez que essa desordenada mudança de lugares se daria concomitantemente à maturação das funções intelectivas referentes aos raciocínios sobre tempo e espaço?
- ▶ Em que medida as características próprias de percepção e mensuração de tempo e espaço ditos “rurais” se distinguem dos “urbanos”? Como essas diferenças incidem sobre os processos de cognição que vivem a mudança de um lugar “rural” para um lugar “urbano” ou o movimento no sentido inverso?
- ▶ Em que medida as constantes mudanças, o “desenraizamento” e a perda do pertencimento trazem para a criança dificuldades de se vincular, uma vez que está vivendo perdas, aprendendo que tudo é descartável, que nada é duradouro e que nada lhe pertence?



## UMA BIBLIOTECA COMO TODA ESCOLA PÚBLICA DEVERIA TER

A biblioteca da Escola Estadual Fundamar, com cerca de 2.000 títulos e 5.000 volumes, mantém um banco de dados em constante atualização, além de livros didáticos, literatura infanto-juvenil, mapas, vídeos, gibis e jogos. O acervo compreende também enciclopédias, como Balsa Multimídia 2000 e Mirador. Na gibiteca destaca-se a clássica *Tico-Tico*. Para os professores, há uma seção sobre pedagogia. Segundo Maria Lúcia Prado Costa, essa é uma biblioteca interessante, "pois nós encontramos obras de Paulo Coelho a Shakespeare, Saramago, Florbela Espanca, até exemplares luxuosos, como *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes com ilustrações de Gustave Doré".

O acervo fotográfico da escola, formado a partir de 1984, e da comunidade também ficam sob reponsabilidade da biblioteca, que funciona como uma oficina. Há uma monitora em horário integral, formada em Letras, que além de organizar e catalogar o acervo, desenvolve temas bimestrais com cada turma de 1ª a 4ª série (D. Quixote, Lampião, Monteiro Lobato, por exemplo, foram temas em 2003). "Estes temas", explica Maria Lúcia, "são desenvolvidos dentro da mesma pedagogia das oficinas: o que as crianças já sabem, o que poderão saber, desenhos, dramatizações, o que esse tema tem a ver conosco hoje etc." São sessões de 50 minutos diariamente com as turmas da Artes e Ofícios (1ª e 2ª séries) e uma sessão semanal com as turmas das demais oficinas (Horta, Cerâmica, Fiação) de 3ª e 4ª séries.

As séries da Educação Infantil e do segundo ciclo do Ensino Fundamental têm horários próprios com os professores para pesquisa escolar e para aulas de Literatura. "As crianças a partir da 1ª série podem levar livros para casa, mas nota-se um declínio no interesse pela leitura a partir da 5ª série. Os professores, infelizmente, lêem pouco; já os monitores são obrigados a levar um pacote de férias a cada recesso escolar", relata a coordenadora da Escola Fundamar. As turmas de 1ª a 4ª série, tanto na sala de aula quanto na oficina, têm um "Cantinho de Leitura", montado com livros doados pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Esses Cantinhos são alternados em rodízio, conforme o perfil da turma.

Além dessas atividades rotineiras, há um acervo circulante, composto por obras mais populares (puericultura, receitas de culinária, palavras cruzadas, livros de bolso, textos religiosos), que são oferecidos à comunidade em todos os eventos da Escola: reuniões de pais, encontros da Pastoral da Criança ou cursos oferecidos na comunidade. A biblioteca também é responsável pelo mural de notícias de jornais e notícias produzidas pelo pessoal da escola, e toda quarta-feira promove uma exposição de livros no refeitório, normalmente alusivos a um tema para atrair a atenção das crianças.

### Oficinas, um espaço de inclusão

Além das quatro horas do ensino formal, o projeto pedagógico da Escola Estadual Fundamar inclui quatro horas diárias de oficinas. São aulas de fiação, tecelagem, bordado, tricô, cerâmica, palha e cestaria, horta, marcenaria, música, leitura, recreação dirigida e informática. Longe de ser uma mera ocupação de tempo, as oficinas exercem um papel valioso na relação da criança com a escola e sua aprendizagem.

“Se não houvesse as oficinas, 30% das crianças não se manteriam na escola”, estima Maria Lúcia Prado Costa, coordenadora das oficinas. Independentemente da atividade, são um importante espaço da inclusão. “É que nas oficinas mesmo as crianças com dificuldade na escola formal podem ser brilhantes. Nesse momento, elas recuperam a auto-estima e confiança em si mesmas e passam a ter um lugar no seu grupo, como alguém que tem valor, tem o que dar. É comum que crianças inseguras ou agressivas assumam novas posturas. Parece que estão procurando identificar no que são boas. E, quando encontram suas competências, melhoram inclusive nas aulas”, analisa a coordenadora.

Os educadores das oficinas consideram-se privilegiados por poderem estar mais livres para se aproximar das crianças. Segundo a responsável pela oficina de cerâmica, Maria das Dores Brito, “as crianças sentem-se à vontade para falarem de todos os assuntos que quiserem. É uma oportunidade para aprenderem umas com as outras, trocarem idéias e discutirem temas do seu interesse. As crianças conversam o tempo todo. Parece que, se param de conversar, param também de produzir”.

Por outro lado, as oficinas revelam-se um espaço privilegiado para as educadoras se vincularem com as crianças e perceberem novas demandas e problemas, como violência doméstica, depressão ou tristeza.



### Conteúdos e habilidades

As oficinas geralmente trabalham em torno de um tema comum, tais como as comunidades indígenas de Minas Gerais, o Programa Fome Zero do governo federal ou a gravidez na adolescência. Em 2003, a vida e obra do pintor Cândido Portinari foi um dos temas que mais apaixonou as crianças e educadores, contagiando inclusive as famílias dos alunos (*leia mais nesta página.*)

Às vezes, é o educador que estuda o tema e adapta para as oficinas. Outros são pesquisados junto com as crianças. Elas percebem que nem mesmo os adultos sabem tudo, que todos estão aprendendo e que existem formas de pesquisar para saber mais.



## AS CORES DE CANDINHO

Em 2003, o centenário do nascimento do pintor Cândido Portinari – ou Candinho, como ficou conhecido entre as crianças – movimentou as oficinas da escola, despertando os alunos para o universo de cores, personagens e cenas de um dos maiores artistas brasileiros. Atraídos pela forte identidade caipira de sua obra e história de vida, os educadores transformaram os quadros de Portinari em uma nova possibilidade de valorizar e ampliar a percepção dos alunos sobre a beleza e aspereza do mundo caipira.

O pontapé inicial foi o acesso a diferentes fontes de informação sobre o pintor, com destaque para um CD-ROM cedido pelo Projeto Portinari e o livro *Crianças famosas: Portinari*, de Nadine Trzmielina e Angelo Bonito. A partir daí, as turmas pesquisaram a vida e o trabalho do artista, deparando-se com cenas familiares, como os trabalhadores com os pés deformados nas lavouras do café, as brincadeiras das crianças descalças, o casamento caipira, o espantalho, a religiosidade popular... Revivendo cada tema, as crianças produziram seus próprios textos, desenhos e esculturas, trazendo para dentro da escola e das suas casas o encanto da arte.

Ao trabalhar um tema específico, os alunos lidam com conteúdos ligados às mais variadas matérias. Fazer contas, decifrar códigos ou avaliar custos e desperdícios são constantes lições de Matemática. História e Geografia aparecem na busca da origem e contexto das atividades. As aulas de costura, bordado ou tapeçaria, por sua vez, exigem atenção aos detalhes, leitura de legendas complexas ou contagem de pontos.

Várias habilidades são desenvolvidas no decorrer das oficinas – da criatividade à concentração, passando pelo domínio corporal e motor. Após participarem de algumas oficinas, as crianças ficam mais centradas, menos dispersas. Quem está em ritmo muito lento é chamado para ação, e quem está agitado se acalma. Muitas vezes a turma fica tão envolvida nas oficinas que não quer sair para a recreação. O interesse das crianças é a condição essencial para o desenvolvimento da oficina. “Se não estão interessadas, temos que mudar a abordagem. Esse é o nosso desafio: manter a criança sempre entusiasmada”, resume uma das educadoras.

### Sustentabilidade

Cada oficina tem o desafio de se sustentar, comprando seu próprio material com a venda de seus produtos. As crianças discutem a gestão da oficina, o custo das matérias-primas, a quantidade da produção, o transporte, o desperdício do material, entre outros assuntos. Na horta, por exemplo, foram discutidas as opções em se trabalhar com bambu até decidirem pela fabricação de instrumentos.

Todas as oficinas procuram aproveitar material reciclado. Papéis de presente, rolhas, materiais de construção, tudo pode ser reutilizado. Com eles, são inventados objetos úteis para vender ou dar de presente nas festas comemorativas, como dia das Mães ou dos Pais.

## 7. A relação com a família

Em seu projeto pedagógico, a Escola Estadual Fundamar assume uma relação de parceira com a família, sem se sobrepor a ela ou substituir papéis e funções. Logo na matrícula, no mês de janeiro, a família recebe uma visita domiciliar dos assistentes sociais. Já na primeira conversa, a equipe tenta conhecer a família, observar suas características e necessidades. Essas informações serão levadas em conta no projeto pedagógico da instituição.

A família logo percebe a postura cuidadosa da equipe. Quando a criança pertence à turma da Educação Infantil, por exemplo, é entregue na matrícula um crachá com nome da criança, do acompanhante, do horário do ônibus e local de descida.

A cada ano, a visita dos assistentes é repetida, reafirmando-se os laços entre a escola e a comunidade. A equipe registra as mudanças de endereço, de trabalho e da própria composição familiar. Acompanhar esse movimento é uma tarefa essencial para a renovação pedagógica da escola.

No decorrer de todo o ano letivo, essa relação continua sendo alimentada. Nas investigações realizadas pelas crianças e professores, por exemplo, a família sempre aparece como personagem importante. O interesse em conhecer e pesquisar a população que vive na zona rural implica em entrevistas com as mães, pais e avós, coletando informações sobre sua origem, realizações, crenças e sonhos.

A família também se faz presente nas reuniões semestrais. Cada ciclo tem sua própria reunião – uma para a Educação Infantil, outra para as primeiras séries do Ensino Fundamental e mais uma para as últimas séries. A escola recebe os adultos, e a presença de cada um é considerada essencial. Até mesmo o transporte para as reuniões é garantido pelos ônibus escolares. E mesmo os homens não deixam de comparecer. A presença dos pais e mães é de 100%, segundo os professores.

O objetivo é aproximar pais e mães da prática pedagógica, sendo escolhido um tema geral para cada reunião. Este tema é explorado e aprofundado pelos professores e alunos com o envolvimento das famílias e depois é apresentado e debatido com os pais. No segundo semestre de 2003, por exemplo, o tema tratado pela 4ª série foi o do trabalho infantil. Além de pesquisar o assunto em livros e revistas, as crianças foram perguntar para seus pais como era essa realidade na época da sua infância. Junto com os professores, elaboraram uma opinião e apresentaram o resultado para as famílias.

Durante a visita, os professores apresentam para os pais o programa do curso, e as crianças, suas produções. Lêem e explicam o que fizeram aos adultos. Os educadores ressaltam o interesse dos pais pela aprendizagem da criança. Muitos deles não sabem ler, nem têm os conhecimentos conquistados pelos meninos. As reuniões também são transformadas em uma ocasião de integração entre as diferentes famílias. Organiza-se uma feirinha, em que cada pai ou mãe pode vender o seu produto, trocando dicas e informações.

### O que dizem os pais

Os pais parecem valorizar especialmente a chance de seus filhos terem um maior conhecimento sobre as coisas. Percebem que são saberes valiosos até mesmo para o trabalho na roça, e demonstram querer para os filhos a escola que não tiveram, vendo nela a oportunidade de um futuro melhor.

### O que dizem as mães

Para as mães, a escola representa, acima de tudo, proteção. Enquanto trabalham, a escola proporciona o cuidado e a atenção necessários para seus filhos. Se há algum problema de saúde, não precisam se preocupar: quando chegam, os primeiros atendimentos já foram feitos.

Em geral, as mães gostam muito da escola, considerada “grande e bonita”, com espaço suficiente para seus filhos correrem e brincarem. Acham os educadores acolhedores e carinhosos. Também ficam felizes porque as crianças gostam de ir para a escola. Faça chuva ou sol, não faltam e muitas não entendem por que têm que ficar em casa no fim de semana. As mães acreditam que, ao estudar, as crianças ficam mais criativas e sabidas, e até os próprios adultos acabam aprendendo com os filhos.

## 8. Rede de apoio

A proteção integral da criança orienta o projeto pedagógico da Escola Estadual Fundamar para além da sala de aula. Consagrado no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), o princípio da proteção integral estabelece a necessidade de assegurar direitos da criança e de sua família visando ao seu pleno desenvolvimento. Afinal, sem saúde, moradia ou alimentação, o próprio direito à educação não se concretiza inteiramente.

Para efetivar esse atendimento, a Fundamar busca agregar e articular esforços com outras iniciativas governamentais e não-governamentais para criar uma rede de cidadania.

### Parceria com o governo estadual

Um convênio com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais garante o atendimento escolar da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, além das oficinas artísticas e a merenda escolar.

### **Parceria com o governo municipal**

A Prefeitura de Paraguaçu concede um ônibus para transporte dos professores e a Prefeitura de Machado deu R\$10.000,00 para transporte em 2003. O resto das despesas com transporte, como aquisição dos veículos, manutenção, seguro e combustível, é arcado pela Fundação 18 de Março. Ainda em parceria com esses municípios, a escola manteve atendimento médico e odontológico durante alguns anos em suas instalações. Atualmente, por não haver profissionais disponíveis, encaminha as crianças com problemas para a rede de saúde de ambas as cidades ou, havendo necessidade, para o hospital universitário da Unifenas, na cidade vizinha de Alfenas.

### **Parceria com o governo federal**

A escola participa do Projeto Bolsa-Escola, do Governo Federal, que proporciona uma renda mínima para as famílias em situação de maior pobreza, com filhos matriculados na escola.

### **Parceria com a Pastoral da Criança**

Equipes da Pastoral da Criança atenderam 542 crianças em 2003, na faixa de zero a seis anos em 11 comunidades rurais e urbanas. A equipe acompanha o peso e desenvolvimento dos meninos e meninas, orientando as famílias sobre amamentação, uso do soro caseiro e alimentação. A supervisora da Educação Infantil da Fundamar, Cibele Ercílio Pinto Costa, é a coordenadora da Pastoral da Criança em Paraguaçu.

### **Parceria com a rádio local**

Por uma articulação da Pastoral da Criança, a escola tem voz garantida na programação da rádio de Paraguaçu. Todo sábado, ao meio-dia, ela veicula campanhas preventivas, orientações de saúde, bem como as notícias e reivindicações da escola e das comunidades que ela atende.

### **Parcerias profissionalizantes**

Visando à continuidade dos estudos dos seus alunos, a Fundamar buscou firmar parceria com instituições de ensino profissionalizante, como a Escola Agrotécnica Federal de Machado. Além de oferecer vagas no Ensino Médio, a Escola Agrotécnica promove cursos profissionalizantes e de Informática.

### **Mutirão ecológico**

Com a participação de toda a equipe pedagógica, a escola desenvolve projetos ambientais, incluindo campanhas de vacinação de animais domésticos, coleta seletiva de lixo em determinados bairros, limpeza de áreas públicas, entre outras ações.



## TRANSPORTE: SEM ELE, NÃO HÁ ESCOLA

No mundo rural, o ir e voltar da escola é uma questão crucial que, muitas vezes, impede o direito à educação das crianças. Sem opção de transporte, meninos e meninas se arriscam andando a pé pelas estradas até a escola mais próxima – geralmente na cidade. Muitos acabam desistindo e adiam o sonho de estudar.

Desde o início, a Fundamar decidiu enfrentar essa dificuldade, buscando parcerias com as prefeituras dos municípios vizinhos. Conseguiu organizar um sistema de transporte gratuito e eficiente, com horários conhecidos por todos. No total, cinco ônibus transportam diariamente as crianças, os educadores e os funcionários, como também as famílias em dias de reunião ou festa. Um dos ônibus pertence à Prefeitura de Paraguaçu, e os outros quatro, à Fundação 18 de Março.

Os ônibus aparecem pontualmente no local combinado, recebendo a confiança da família. No papel de educadores, o motorista e seu acompanhante fazem o elo cotidiano entre as famílias e a escola. Ouvem as preocupações, recebem recados e recomendações. Para subir no veículo, ou descer dele, as crianças contam com o cuidado dos irmãos mais velhos e adultos presentes. Nem todos os pais conseguem acompanhar os filhos, mas têm a certeza do apoio do grupo. Ao chegar, crianças e professores andam em pequenos grupos para as suas casas.

Como uma extensão da escola, o ônibus favorece um espírito de respeito e apoio mútuo. O ir e vir torna-se uma oportunidade pedagógica de estimular a autonomia e a responsabilidade das crianças.



# A EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde os primeiros anos, a Escola Estadual Fundamar foi pioneira na região ao garantir o direito à Educação Infantil para as crianças das famílias do campo. Essa conquista representa grande impacto não só na vida da criança, mas de toda sua família. Com a tranquilidade de ver seus filhos pequenos cuidados pela escola, as mulheres podem buscar alternativas de renda e trabalho, conquistando autonomia, auto-estima e um novo espaço social. Ao mesmo tempo, é ampliada a rede de proteção à criança, prevenindo inclusive o trabalho infantil. Em vez de acompanhar suas mães até a roça, as crianças percebem desde cedo que seu lugar é na escola. Por outro lado, a existência de vagas na Educação Infantil garante que os filhos mais velhos continuem seus estudos, sem ter que substituir os adultos no cuidado dos irmãos ou no sustento da casa.

Segundo as concepções educacionais mais recentes, ao participar de uma escola de Educação Infantil de qualidade, a criança torna-se mais sociável, autônoma, adquirindo novo vocabulário, conhecimentos e habilidades para vivências futuras. Na Fundamar, os educadores não hesitam em destacar esses ganhos nas crianças. Em contato com um ambiente alfabetizador, que não é comum na zona rural, as crianças são estimuladas por novas experiências, apresentam melhor desenvolvimento sensorial, motor, simbólico, afetivo e social.

A criança encontra na escola um espaço de convivência e descobertas, pleno de afeto, cuidado e estímulo. Pode ir e ficar junto com seus irmãos, além de conviver com outras crianças de diversas idades. "A criança do campo quando não vai à escola", relata uma das educadoras, "fica isolada, só com a mãe, num universo social e cultural mais limitado e pobre. Na escola, a criança pode se relacionar e conciliar natureza e cultura, horta e computador, internet e fogão a lenha. Desde cedo, aprende a se expressar pelas palavras, desenhos, sons e jogos de faz-de-conta. É provocada a pensar e fazer."



## LINHA DO TEMPO A EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA ESTADUAL FUNDAMAR

- 1984** Desde a criação da Escola Estadual Fundamar, a comunidade local apresentou a demanda por um atendimento às crianças pequenas. Já na primeira sala multisseriada faziam parte da turma crianças de seis anos entre as maiores.
- 1985** Com a criação de salas separadas por idade, forma-se uma turma para crianças entre quatro e seis anos de idade.
- 1986** Chegam à escola meninos e meninas entre um ano e meio e três anos. A partir daí, são criadas salas, rotinas e equipes para atender ao grupo. O atendimento é custeado pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.
- 1988** A Constituição Federal reconhece a Educação Infantil como direito das crianças brasileiras.
- Anos 90: A população matriculada na Escola Estadual Fundamar varia ano a ano, chegando a formar duas turmas de cinco anos e duas de seis, somente com crianças da zona rural.
- 1996** A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabelece a Educação Infantil como parte da educação básica.
- 1997** Entra em vigor a política de municipalização do atendimento de Educação Infantil. Diante da dificuldade das prefeituras locais, o governo estadual mantém seu apoio ao projeto da Escola Estadual Fundamar.
- 1999** Ano marcado por uma retração das matrículas. Por falta de trabalho, muitas famílias rurais se dirigem para as periferias das cidades, especialmente Paraguaçu. A escola decide expandir sua matrícula para as crianças da periferia da cidade.
- 2002** O projeto de Educação Infantil da Fundamar recebe o Prêmio Criança, concedido pela Fundação Abrinq.
- 2003** Assim como os demais ciclos da escola, a Educação Infantil atende 70% de crianças residentes na zona rural e 30% na periferia urbana.

## EDUCAÇÃO INFANTIL EM 2003

\* Cada professora trabalha diariamente um período de quatro horas e quinze minutos.

Turma/classe	Número de crianças	Número de professoras*
Turma com crianças entre 18 meses e três anos	30	02
Turma com crianças de quatro anos	30	02
Turma com crianças de cinco anos	30	02
Turma com crianças de seis anos	20	02
<b>TOTAL</b>	<b>110</b>	<b>08</b>

### 1. Proposta pedagógica

Desde sua criação, o atendimento da Educação Infantil foi mudando de espaço. Atualmente a creche está situada numa antiga casa de colono com uma sala ampla e um banheiro aquecido por energia solar. Os educadores e coordenadores pleiteiam a construção, no futuro, de um lugar mais amplo e, portanto, mais adequado para o projeto proposto.

Do ponto de vista pedagógico, a Educação Infantil viveu muitas mudanças de supervisão tanto pela Fundação 18 de Março quanto pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. A proposta atual apóia-se nas concepções do próprio coletivo formado pelos educadores e a supervisora. A partir de suas observações e conhecimentos, o corpo docente constrói teorias e práticas pedagógicas sintonizadas com as demandas e propósitos desejados.

O trabalho parte de concepções de infância, criança e educação bem definidas, conforme apresentadas a seguir.

#### Concepção de infância

“Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças”, diz o escritor uruguaio Eduardo Galeano. Essa idéia inspira os educadores da Fundamar, que reconhecem a infância como um período fundamental da vida que deve ser vivido em sua plenitude, preservado e lembrado. Na infância, a criança deve viver como criança, respeitando suas possibilidades de desenvolvimento. Deve se preservar o colo, o aconchego, a história e o sonho. Inclusive na escola, a infância deve ser vivida dessa forma, precisando encontrar no dia-a-dia escolar espaço para ser criança. Ela precisa conviver com outras crianças, fazer amigos, ter colo e afeto quando precisar, poder se entregar às descobertas de um mundo cheio de surpresas e aventuras divertidas, mágicas.

O brincar é percebido como estratégia de desenvolvimento e não como perda de tempo ou mera distração. Os educadores defendem lugar garantido para os brinquedos da tradição local (bilboquê, bonecas de espiga de milho, papagaio, cantigas de roda etc.), assim como para as novidades de cada tempo. “Mais do que comprar, devemos incentivar o criar”, sintetiza uma das professoras deste ciclo.

#### Concepção de criança

A criança é vista como sujeito de direitos, com identidade própria. Ao chegar à escola, ela traz consigo uma cultura familiar a ser respeitada. Espera-se que possa criar o mundo a partir de sua perspectiva, ser ouvida para ter a possibilidade de produzir novas construções e, se for o caso, virar pelo avesso a ordem das coisas. O centro dessa reflexão é entender cada criança como única.

Na fala da equipe, a criança sempre aparece como protagonista, cheia de vida, sempre em ação e movimento. No seu processo de aprendizagem, busca-se estimular sua curiosidade e interesse pelo mundo. Assim ela própria pode ampliar suas referências, construir e desconstruir a realidade, criando novas histórias.



## *A criança, segundo os educadores da Fundamar*

*Concepção construída durante o processo de sistematização.*

*Criança é especial, carinhosa, meiga, amiga, ativa, alegre, arteira, esperta. Simples.*

*Criança gosta de ser livre, sorrir, cantar, dançar... de estar em movimento o tempo todo; de expressar o que gosta e o que não gosta; de expressar o que faz em casa; de ser tratada como criança; de ser tratada com dedicação e respeito.*

*Criança está aberta para o novo, motivada e interessada em aprender; disposta a criar, usar a imaginação, soltar o lado artístico.*

*Criança sente prazer em vir para a escola.*

### **Concepção de Educação Infantil**

Para os educadores da Fundamar, a Educação Infantil deve permitir e estimular que a criança seja ela mesma e não precise ser adulto antes do tempo. Deve encontrar a oportunidade de movimento e crescimento, sentindo-se à vontade para descobrir o mundo e arquitetar seu próprio espaço. Deve se sentir segura para agir, ter iniciativa e se desenvolver. E, especialmente, deve ter acesso ao mundo dos saberes e brincadeiras.

A ludicidade tem papel central na pedagogia da escola. Os primeiros anos da vida escolar devem se transformar numa oportunidade de aprender e se divertir com as brincadeiras e também de descobrir o acervo cultural das letras, música ou artes plásticas. Deve ser um espaço coletivo, onde as individualidades possam brotar e se desenvolver. É um espaço de interação com as outras crianças e adultos.

## 2. Valores do cotidiano

O cotidiano da Educação Infantil na Escola Estadual Fundamar persegue valores claros, zelando por práticas consideradas essenciais:

### Equilíbrio da rotina

Para os educadores, a rotina é um elemento fundamental no cotidiano da criança. É a organização básica dos horários do dia que faz com que a turma se oriente sobre o que vai acontecer, o que vem depois, qual a hora de brincar, comer, ouvir histórias, ir ao parque, conversar, dormir e voltar para casa. Assim, ela vai se organizando no tempo, percebendo continuidade e seqüência nos acontecimentos, antecipando situações.

A rotina garante o que é fixo, dando a segurança do conhecido. Mas, ao mesmo tempo, segundo os educadores, é fundamental acolher as novas necessidades das crianças. O que elas trazem a cada dia pode – e deve – promover mudanças na estabilidade. O educador, portanto, precisa saber lidar com as mudanças, tanto as anunciadas, como as inesperadas.

### Ritmo e dinamismo

Diante da pouca capacidade de permanência da criança numa mesma atividade e lugar, os educadores estão sempre prontos para mudar e acompanhar o ritmo das crianças. O contar história vira desenhar, que vira dramatizar, que vira reescrever a história. A maleabilidade das atividades não significa, entretanto, que cada uma delas não tenha começo, meio e fim.

### Espaço para movimento

O movimento faz parte do jeito de ser e estar das crianças. Assim, os educadores buscam conduzir as atividades, permitindo que a turma se movimente enquanto produz. Elas levantam, mostram o que estão fazendo, sentam, gesticulam... De qualquer maneira, não é um movimento sem limites. Estabelecer essas regras é um desafio árduo e constante para a equipe.

### Importância do falar

O silêncio não é imposto como regra absoluta e constante para a turma. Certamente, há momentos em que não se deve falar para poder escutar. Mas, de forma geral, as crianças são estimuladas a compartilhar suas opiniões com os colegas, contar o que estão fazendo, o que descobriram e estão sentindo.

### Afeto e acolhida

É notório o clima de cooperação existente entre os adultos. Os professores dizem se sentir apoiados, uns aos outros e também pela supervisora. Com a autoconfiança fortalecida, sua atuação se potencializa.

Da mesma forma, todos apóiam as crianças em atitudes constantes de respeito e consideração: se prontificam a ouvi-las e compreendê-las nas suas necessidades. “A escola é das crianças”, dizem os educadores. Elas trazem características culturais e jeitos de ser individuais que devem ser respeitados. O apoio afetivo funciona como alicerce fundamental para outras aprendizagens.

### Responsabilidade e autonomia

São dois valores cultivados constantemente pelos educadores. As crianças são solicitadas a levar mensagens, buscar material, circular pela área da escola para saber se orientar e movimentar sozinhas. Desde cedo, também aprendem a se vestir, comer, cuidar da própria higiene e do material escolar.

### Roda de conversa

Talvez o momento mais importante do dia, segundo os professores, é a roda de conversa com as crianças, que acontece pelo menos duas vezes por dia – uma de manhã e outra à tarde. Juntos, conferem a turma, percebem quem está presente, quem faltou, combinam o que vão fazer. Também relatam situações de suas casas, discutem idéias, resolvem conflitos, cantam, brincam, ouvem histórias. É o momento da construção de pertencimento ao grupo. Todos têm espaço para falar e ouvir, favorecendo a troca.

### Brincadeira livre

A escola respeita a necessidade diária de as crianças brincarem livremente. Nessa hora, os professores podem observar as escolhas de cada um, os grupos que se formam espontaneamente, além das preocupações, interesses e conflitos presentes.

### Contando histórias

Outro momento que merece atenção dos educadores é o da roda de histórias. A leitura de diferentes narrativas amplia o repertório da turma trazendo novos contextos, sentimentos e situações a serem imaginadas e resolvidas. Algumas causam tal identificação – como a *História dos sete cabritinhos*, dos Irmãos Grimm – que as crianças não cansam de ouvir e sempre pedem para que seja repetida. Muitas são incorporadas na vida real, inspirando brincadeiras, desenhos e conversas. Na avaliação dos educadores, o ler e ouvir histórias revela-se uma maneira eficiente de desenvolver a atenção coletiva e a criatividade.

### Leitura e escrita

A Fundamar não tem como objetivo alfabetizar as crianças na Educação Infantil. Mas tem a preocupação de atraí-las para o mundo da leitura e da escrita, que raramente faz parte da vida familiar.

Diariamente, as crianças têm contato, das mais variadas formas, com as letras e os números. Todos os objetos da sala, por exemplo, são identificados. Os nomes das crianças também são escritos e reconhecidos. Bilhetes circulam entre as diferentes classes e setores da escola, bem como entre os professores e as famílias. Todos são lidos para as crianças. O calendário, o relógio, o cardápio, cada detalhe se transforma em oportunidade de aprendizagem.

Tampinhas, palitos, bolas ou cobras de massinha são usadas para contar, criar categorias e organizar. Baralhos, dominós, bingos são brincadeiras que despertam o raciocínio, a compreensão e o respeito de regras. Saber “quantos somos”, quem veio e quem faltou também é outro jogo diário. Os problemas encontrados nas histórias são propostos para as crianças, que se sentem instigadas a buscar respostas.

### Valor do erro

Os educadores entendem o erro como uma hipótese que não deu certo. O caminho deve ser, então, reconstruído. É permitido errar e refazer, sem sentimento de fracasso. Da mesma forma, se a criança quebra algum objeto ou deixa algo cair, não vai receber necessariamente uma bronca ou castigo. É um acidente, que deve ser evitado, exigindo mais atenção e cuidado. Mas é algo que acontece e o mundo não precisa vir abaixo.

### 3. Novos desafios

Ao refletir sobre as necessidades percebidas entre as crianças, os educadores da Escola Estadual Fundamar apontam desafios que devem nortear novas soluções pedagógicas:

#### Fortalecimento familiar

Muitas crianças vivem em casa situações de conflito, que se refletem diretamente no seu desenvolvimento, como a separação dos pais, o alcoolismo, a violência ou a falta de acolhimento afetivo. O educador precisa aprender a lidar e superar sua sensação de impotência. Ao mesmo tempo, é essencial fortalecer a relação com as famílias para prevenir e buscar encaminhamentos para os problemas apresentados.

#### Comunicação regular

Os educadores estão buscando alternativas para intensificar a comunicação cotidiana com as mães e os pais. Diferentemente de outras unidades de ensino da região urbana, na Fundamar os familiares não vão diariamente à escola levar e trazer os seus filhos. Ao mesmo tempo, muitos têm dificuldade de leitura, complicando a compreensão e a troca de bilhetes e recados.

#### Acolhimento inicial

A chegada das crianças pequenas no início do ano merece uma atenção especial. Afinal são muitas mudanças: separar-se dos pais, passar o dia todo longe do convívio familiar, adaptar-se aos novos espaços, rotinas e relações. O período de adaptação é difícil, inclusive para os próprios adultos da família.

#### Adaptação às regras

A compreensão e aceitação das regras da escola, da turma e dos adultos não são imediatas. Os educadores precisam reconhecer a capacidade e a dificuldade próprias de cada faixa etária. Torna-se essencial redobrar a paciência e a flexibilidade para combinar, repetir e legitimar as regras junto às crianças.





# FUTURO DA CRIANÇA NO CAMPO

Apesar do compromisso em construir uma proposta pedagógica diferenciada e garantir a proteção integral à criança, os educadores da Escola Estadual Fundamar demonstram grande angústia ao pensar sobre o futuro da criança do campo. Sentem incerteza e impotência. “O futuro da criança do campo está muito vinculado ao futuro do campo”, aponta Maria Lúcia Prado Costa. “Se o campo começar a oferecer condições para que as pessoas possam trabalhar, criar os filhos e ter sonhos, acredito que há como se pensar num futuro. É necessário desenvolver outras formas de geração de renda menos agressivas e hostis com as pessoas e a natureza. Só então será possível conciliar o fogão a lenha com a internet, o adubo orgânico com o lucro da safra. Caso contrário, o futuro da família do campo será sair dele e tentar se adaptar ao mundo urbano.”

Os educadores reconhecem que a discussão é complexa. O objetivo inicial da Fundamar era fixar o homem no campo. Hoje já não acreditam que isso vá se realizar, embora esperem que o jovem do campo encontre seu espaço, podendo ser protagonista de sua história. Mas sabem que muitos ficarão no meio do caminho, nem cá, nem lá. Não voltarão para a roça, não retomarão a cultura caipira e a rusticidade do campo, nem irão para as cidades com um desenvolvimento cognitivo mais elaborado. Com um pé em cada lugar, tentarão se equilibrar entre dois universos bem distintos.

Até pouco tempo, a maior parte dos alunos que saía da Fundamar, ao completar a 8ª série, não continuava os estudos. Além da dificuldade do transporte até a escola na cidade, muitos começavam a trabalhar, ficando sem tempo para estudar. Nos últimos anos, entretanto, a situação mudou muito. Dos 52 alunos que se formaram em 2002 no Ensino Fundamental, por exemplo, apenas seis não ingressaram no Ensino Médio, clara demonstração de que a maioria já percebe que é desejável continuar os estudos, mostrando maior segurança, auto-estima e preparo para encarar as exigências do segundo grau. Mas não há certeza de que conseguirão ir até o fim. Entre outros problemas, os livros são caros e o transporte ainda é um desafio. Ao mesmo tempo, permanece uma expectativa familiar e social de que os meninos, após o Ensino Fundamental, comecem a trabalhar na roça e as meninas, em casa.

## O que a escola está fazendo

Os educadores acreditam que a escola contribua de alguma forma no enfrentamento dos conflitos e dificuldades das famílias que vivem no campo. A primeira estratégia é trazer a discussão para dentro da sala de aula, fortalecendo a

reflexão dos alunos sobre sua condição, procurando dar voz para que as crianças e os jovens falem de si, da relação das pessoas do campo com o trabalho, da violência em casa e de tudo que os afete.

A escola afirma-se, assim, como um espaço de reflexão e troca onde as crianças podem saber que as coisas têm uma causa, não acontecem só com eles e estão relacionadas a processos políticos, econômicos e sociais mais amplos. Além de gerar reflexão, a escola busca oferecer aos alunos estratégias para descobrir e entender melhor a si próprios e aos outros; fortalecer-se afetiva e intelectualmente; desenvolver variadas formas de expressão; e sempre pautar-se em princípios éticos, aprendendo a pensar, tomar posição e fazer escolhas pensando em si e na coletividade.

Alerta aos crescentes desafios, a Fundamar tem renovado e ampliado suas propostas pedagógicas. Ao mesmo tempo que as crianças têm contato com a horta, aprendem a lidar com o computador. Paralelamente, a escola tem oferecido vários cursos pontuais, como eletricidade, horta orgânica, manicure ou alimentação alternativa, sem esquecer o incentivo constante à continuidade dos estudos.



### O que mais a escola pode fazer

Os educadores sentem a necessidade de ter mais tempo para ouvir e estar com as crianças e jovens. Precisam se desdobrar para garantir as condições básicas do atendimento, que deviam estar asseguradas pelas políticas públicas, mas raramente estão. Faltam o médico, o dentista, o material escolar, o transporte... Por outro lado, as solicitações administrativas e burocráticas do dia-a-dia roubam mais tempo do que seria desejável.

Mas há um lado positivo nesse esforço. É importante que meninos e meninas acompanhem as lutas do grupo para alcançar o que é direito deles. Talvez esta seja a melhor aprendizagem que uma escola possa dar a seus alunos: a consciência e a conquista dos próprios direitos. É essa força de articulação, dizem os educadores, que vai fazer com que as comunidades rurais ou urbanas melhorem suas condições de vida.



# CONCLUSÃO

Em muitas das reflexões sobre os dilemas enfrentados na Fundamar, questões sobre a infância e sobre a população do campo se entrecruzaram. Nesses momentos os educadores se perguntavam: “Existe, atualmente na vida moderna, lugar para a infância?” “Qual o lugar dessa população diante do processo da mecanização da lavoura?” Nessas discussões, os educadores assumem que ambos estão perdendo, com muita rapidez, lugar no mundo moderno.

Alguns estudiosos da criança vêm denunciando o gradual desaparecimento da infância. A mídia, a televisão, a internet e o acesso das crianças às informações dirigidas ao público adulto estariam ameaçando expulsar as crianças do jardim da infância. Entretanto, outros pensadores ampliam esta questão. É a infância que está desaparecendo ou seria esta uma crise do homem contemporâneo?

A criança está mergulhada nesse processo sociocultural, absorvendo e sendo formada na cultura que está ao seu redor. Deparamo-nos, hoje, com uma cultura marcada pela violência, com situações de ausência de solidariedade, tráfico de drogas, fome, falta de moradia, ausência de privacidade e exposição de intimidade. Esses acontecimentos estão presentes em todas as casas, na vida das crianças e adultos, a qualquer hora do dia, na cidade ou no campo. Parece ser constrangedor para o adulto lidar com o espanto da criança diante da violência e da exposição inadequada da intimidade, quando ela pergunta: “O que está acontecendo? Por quê?” Ele mesmo, assustado, não sabe responder.

Mas a qual infância exatamente nos referimos? Qual é a infância que estaria desaparecendo? Segundo dados do Unicef, 80% das famílias brasileiras que possuem crianças até seis anos ganham até dois salários mínimos mensais. Sendo assim, terão tido essas crianças uma infância preservada? Teriam seus direitos básicos reconhecidos e garantidos?

Há, portanto, uma situação mais grave e importante de ser reconhecida. A maior parte das crianças brasileiras nunca chegou a ter uma infância preservada. Na zona rural, assim como nos setores mais empobrecidos das cidades, a situação ainda se mostra mais aguda, e a vivência da criança pequena pode ser bastante cruel.

Nesse contexto de privações, a Educação Infantil de qualidade se constitui em um projeto de proteção à infância. Na escola, além de alimentação e de cuidados básicos, a criança tem um atendimento apropriado às suas necessidades, ao seu momento de vida, tendo a oportunidade de brincar, explorar e descobrir o mundo físico, ter contato com livros de história e com o faz-de-conta, construir, inventar, imaginar, se expressar de várias formas, fazer amigos, aprender as brincadeiras tradicionais etc.

Entretanto, para ter um bom desempenho, a escola de Educação Infantil precisa ter qualidade, profissionais especializados com formação constante, espaço físico organizado em instalações salubres e uma proporção educador/criança adequada que permita a atenção individualizada necessária.



Outra preocupação dos educadores da Fundamar se refere ao desaparecimento da cultura do homem do campo, ao esvaziamento do pertencimento de quem vive da produção agropecuária. Este, para sobreviver, precisa mudar de residência constantemente, à procura de trabalho, ou migrar para as cidades. Com isso, sua sabedoria de vida está desaparecendo rapidamente. As tentativas de trazer a modernidade para o campo, tal como se vive no mundo urbano, acentuaram a descaracterização do ambiente rural, sem gerar novas oportunidades de vida.

Segundo o sociólogo Rui d'Espiney, coordenador nacional de projetos rurais de Portugal, a crise no campo é estrutural e superá-la não se dará por um retorno ao passado nem pela reconstituição da velha ordem ou, ainda, pela possibilidade de anulação das causas que provocam essa crise, a começar pelo efeito da expansão da economia de mercado e da transformação ocorrida nas relações de produção e na estrutura da propriedade. É inevitável aceitar as mudanças nos modos de vida e nas formas de produção de riqueza, e a qualificação da atividade agrícola<sup>11</sup>.

Segundo discussões dos estudiosos do desenvolvimento rural, é importante considerar os seguintes aspectos dessa questão:

- ▶ A necessidade de se fortalecer ou se criar uma rede articulada e integrada de serviços, ou seja, a integração dos serviços que compõem a vida comunitária (educação, economia, saúde, cultura). Essa integração possibilita que os atores sociais deste universo definam caminhos que favoreçam um reencontro com a própria identidade – ou sua reconstrução.
- ▶ O processo de construção do futuro no ambiente rural deve assegurar sua sustentabilidade, realçando o seu saber e suas diferenças, com poder competitivo, sem contrapartida no mundo urbano.
- ▶ É indispensável promover qualidade de vida traduzida pela modernidade sem que isso se coloque em contradição com o jeito de ser do homem do campo. É preciso absorver o novo.

---

<sup>11</sup> Rui D'Espiney, *Educação, desenvolvimento e cidadania: fundamentos de uma intervenção alternativa em meio rural*, Portugal, 2003.

Utilizando-se da memória como forma de reconstruir as histórias pessoais, preservar as identidades, provocar sentimento de pertencimento e fortalecer a cultura local, a Escola Estadual Fundamar se apóia em parâmetros sólidos e, até certo ponto inovadores, sobre a aprendizagem, como:

- ▶ Os conteúdos a serem trabalhados partem da cultura e dos saberes dos alunos e suas famílias. Os alunos participam de um movimento de investigação sobre si próprios e seu contexto familiar e espacial.
- ▶ A realidade é problematizada e o aluno usa de sua criatividade para buscar soluções, uma vez que não são apresentados modelos prontos.
- ▶ Todos são aprendizes, embora com níveis de saberes diferentes. Alunos e professores se sentem autores da construção do seu conhecimento, apoiados entre si e pela supervisão.
- ▶ A escola é prazerosa, porque aprender é interessante, deve ser fonte de alegria, não de pressão ou castigo.
- ▶ O processo de pensamento do aluno é objeto de estudo coletivo dos professores.

Assim, a Escola Estadual Fundamar traz no seu fazer cotidiano a esperança da solidariedade, da generosidade, da justiça social, do reconhecimento de que as pessoas podem, mesmo sendo diferentes e vivendo realidades diferenciadas, buscar juntas novas saídas para construir uma vida melhor, na cidade ou no campo.

Em um país de grandes dimensões como o nosso, no qual os centros urbanos vêm sendo pressionados por um contínuo fluxo migratório vindo da zona rural, a oferta de uma educação pública de qualidade no campo tem efeito e função altamente estratégicos. Ao possibilitar à criança da zona rural estímulos, informações e uma aprendizagem qualificada, a Escola Estadual Fundamar contribui, em sua pequena escala de ação, para reverter o ciclo perverso de exclusão e fluxo do campo para a cidade. E ao publicar essa experiência, a Fundação Abrinq espera contribuir com a sua disseminação, semeando essa boa iniciativa por outros campos.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987.

COSTA, Maria Lúcia Prado. *Fontes para a História Social do Sul de Minas: Os trabalhadores de Paraguaçu e Machado (1850-1900)*. Belo Horizonte, Mazza, 2002.

FUNDAÇÃO 18 DE MARÇO. *História pedagógica da Fazenda-Escola Fundamar. Paraguaçu*. Dig. 1998 c/ atualizações.

\_\_\_\_\_ *Memorial das oficinas da Escola Fundamar: um projeto de arte-educação para alunos da roça. Paraguaçu*. Dig. 1997.

\_\_\_\_\_ *Relatórios dos Cadernos de Estudos Sociais. Paraguaçu*. Dig. 2003.

LABRIOLA, Isabel. "Do Analista-Caipira ao Caipira Analista", in XIII Moitará, *República do Pica-Pau Amarelo, arquétipos da cultura caipira*, Campos do Jordão, SBPA, 1999.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Studio Nobel, 2002.

